

Paula D'Onófrio Carvalho Leme

A Escola como Elemento de Mediação entre
Conhecimento e Trabalho: A Experiência do SENAP

Marília
2002



PAULA D'ONÓFRIO CARVALHO LEME

A ESCOLA COMO ELEMENTO DE MEDIAÇÃO ENTRE
CONHECIMENTO E TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DO SENAP



MARÍLIA

2002

1410001362



PAULA D'ONÓFRIO CARVALHO LEME

A escola como elemento de mediação entre conhecimento e trabalho:
a experiência do SENAP

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia e Ciências da Universidade Estadual
Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de
Marília, para obtenção do título de Mestre em
Educação (Área de Concentração: Ensino na
Educação Brasileira)

Orientador: Dr. Kester Carrara

MARÍLIA

2002

Nº cham 374
L 551e

Nº Tombo 1.362

Aquisição D

Preço 5,00

Data 13/11/02

Proced. Autor

Leme, Paula D'Onófrio Carvalho.

A escola com elemento de mediação entre conhecimento e trabalho: a experiência do SENAP /Paula D'Onófrio Carvalho Leme. – Marília, 2.002, 156 f.

Dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, 2.002.

Orientador: Carrara, Kester.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Educação do trabalhador. 3. Educação e a qualidade total.

PAULA D'ONÓFRIO CARVALHO LEME

A escola como elemento de mediação entre conhecimento e trabalho: a
experiência do SENAP

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador: _____

2º Examinador: _____

3º Examinador: _____

Marília, de de 2002



Agradecimentos

Ao Dr. Kester Carrara

*Por sua sabedoria e constante
dedicação à ciência.*

Meu marido e irmão:

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

*A certeza de que seremos interrompidos antes de
terminar...*

*Portanto devemos: Fazer da interrupção um caminho
novo...*

Da queda um passo de dança...

Do medo, uma ponte...

Da procura, um encontro...

(Fernando Pessoa)

À minha mãe,

*Obrigada pela
dedicação
materna e
sugestões
científicas.*

*Conte-me, e eu vou esquecer.
Mostre-me, e eu vou lembrar.
Envolva-me, e eu vou entender.*

(Confúcio)

A toda equipe do SENAP

- *Alunos-trabalhadores*
 - *Educadores*
 - *Estagiárias*
- *Em especial: Glória Miller*

“É belo modelar uma estátua e dar-lhe vida, mas é sublime modelar uma inteligência e dar-lhe liberdade”.
(Vitor Hugo)

LEME, P. D. C. *A escola como elemento de mediação entre conhecimento e trabalho: a experiência do SENAP*. 2002. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar, na escola SENAP – Serviço de Ensino e Assessoramento Profissional – terceirizada por uma indústria do ramo alimentício na cidade de Marília (S.P.), em que aspectos a educação de jovens e adultos auxilia na formação profissional de seus alunos. Foram sujeitos da presente pesquisa todos os alunos-trabalhadores e respectivos professores. A partir de respostas, através de um questionário realizado com os alunos, procurou-se detectar se existem dificuldades no cotidiano profissional e se o retorno aos estudos auxiliou no sentido de minimizar essas dificuldades. Foram, ainda, colhidos depoimentos dos professores com a finalidade de questionar se eles realizam uma relação entre o conteúdo pedagógico proposto e a prática profissional dos alunos. A par das entrevistas, foram realizadas sessões de observação em sala de aula para complementar a investigação de alguns aspectos do cotidiano pedagógico. Os dados foram analisados, ponderando as transformações que o mercado de trabalho vem sofrendo no processo histórico. Concluiu-se que, nesta escola, aconteceram mudanças no comportamento de seus alunos, como: aumento da auto-confiança, a motivação pela aprendizagem, melhoria de seu desempenho na fábrica, melhor entendimento das atividades executadas e satisfação em poder auxiliar mais nos estudos dos filhos em casa.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos, Educação do trabalhador, Educação e a qualidade total.

LEME, P. D. C. *The school as a mediating element between knowledge and work: the SENAP experience*. 2002. 156f. Master dissertation in Education. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

ABSTRACT

This research has the chief aim of investigating, in the SENAP – Teaching and Professional Advise Service – school, managed by a food factory of the city of Marília (SP), the aspects in relation to which the education of the young and of the adult helps in the professional development the students. All the students/workers were involved as subjects of the present research. Based on the replies to a questionnaire put to the students, we sought to find out whether there are difficulties in the daily work and whether the return to the studies helped to minimize those difficulties. Moreover, we got reports from the teachers with the aim of knowing if they related the proposed pedagogic content to the students' professional practice. Together with the interviews, we did observation sessions in the classroom in order to complement the investigation of some aspects of the pedagogic everyday routine. The data were analyzed, taking into consideration the changes that the labor marked has been undergoing in the world historical process. We concluded that, in this school, the following changes in the students' behavior occurred: increase in self-confidence, motivation for learning, improved performance in the factory, a better understanding of the activities done and satisfaction in being able to help more in the sons' studies at home.

Key-words: Education of the young and of the adult, education of the worker, education and total quality.



SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE FIGURAS	12
1. INTRODUÇÃO	13
2. MÉTODO	61
2.1. Local	61
2.2. Material	64
2.3. Sujeitos	65
2.4. Procedimento	72
3. RESULTADOS e DISCUSSÃO	76
3.1. Primeira classe de dados: retorno à escola	76
3.2. Segunda classe de dados: educar para o trabalho	101
3.3. Terceira classe de dados: dados observados pelo pesquisador em sala de aula	131
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	138

5. REFERÊNCIAS	143
6. APÊNDICES	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Divisão dos termos e séries correspondentes	63
Tabela 2 – Classificação dos alunos por termos, após classes de aceleração	69
Tabela 3 – Formação acadêmica do corpo docente	70
Tabela 4 – A distribuição das aulas no momento da coleta	71
Tabela 5 – Disposição das matérias e corpo docente do T10	132

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escolaridade dos alunos-trabalhadores ao reiniciar os estudos	66
Figura 2 – Série freqüentada no momento da coleta	68
Figura 3 – Classificação dos alunos após as classes de aceleração	69
Figura 4 – Motivação para os estudos	78
Figura 5 – Decisão do retorno aos estudos	82
Figura 6 – Incentivo para continuar os estudos no ensino médio	84
Figura 7 – Anseios na progressão dos estudos	86
Figura 8 – Dificuldades nos estudos	88
Figura 9 – Dificuldades encontradas no trabalho	91
Figura 10 – Sentimento modificado após o retorno aos estudos	93
Figura 11 – Estudos auxiliando nas dificuldades do trabalho	96
Figura 12 – Benefícios agregados após os estudos	98

1 INTRODUÇÃO

A educação acompanha as mudanças sociais e delas é ponte integrante e indissociável. Cada transformação social pode modificar as diretrizes de ensino, partindo do princípio de que os aprendizes clamam por uma educação que vai ao encontro dos interesses da sociedade. Neste trabalho, são estudadas as nuances da educação de adultos com a preocupação voltada ao mercado de trabalho.

Na década de 90, a educação de adultos se preocupou com a competição, a globalização e o desemprego, fatos irrefutáveis do mercado de trabalho atual. Os focos de atenção estão voltados para os alunos-trabalhadores, que vivem as conseqüências de toda transformação econômica e social brasileira.

A educação do trabalhador busca atender as novas exigências do mercado, porém, muitas vezes, na procura da qualificação, por vezes desprovido de senso crítico mais aguçado, o operário pode acabar como vítima de escolas de qualidade duvidosa, aprendendo e apreendendo conteúdos que jamais terão utilidade prática possível.

A preocupação com essa temática na educação, iniciou-se com a prática profissional da autora no setor industrial, como psicóloga organizacional.



Com a função de recrutar e selecionar novos funcionários, a autora começou a perceber a exigência, por parte da empresa, em obter funcionários com requisitos prévios em relação à sua formação escolar, entre eles ensino fundamental completo, como elemento decisivo de uma futura contratação, o que talvez não seja relevante para o exercício de certas funções, como Braverman afirma: “ A maioria das funções típicas da fábrica exige apenas uma formação incompleta do primeiro grau em aritmética, soletração, leitura, escrever e falar” (1987, p.371).

Acredita-se que nem sempre o indivíduo que conseguiu obter um certificado do ensino fundamental é necessariamente o melhor candidato a exercer o cargo solicitado na empresa. Porém, essa condição passou a ser muito importante no processo de seleção, sendo denotado, pelo fato de que candidatos que não tinham o certificado requisitado pela empresa, em muitos casos, estariam, possivelmente, mais preparados e exerceriam aquela determinada função com mais êxito. Como assinala Malglaive (1995,p.40-41):

A prática é tudo o que diz respeito à ação humana, isto é, a transformação intencional da realidade pelos homens. Implica, portanto, um designo, um fim: o estado que assume a realidade em resultado de transformação. Implica igualmente uma origem: o estado do real, ao qual se aplica a ação. Sem nos preocuparmos de momento com a natureza destes estados iniciais e finais, é importante notar que constituem, um e outro, elementos constitutivos da prática. Um de entre eles, o estado final, assume um relevo particular na medida em que, como dissemos, a prática relativa à ação humana, portanto finalizada. O estado final

constitui evidentemente a manifestação deste fim, a concretização da intenção e, como tal, está investido dos desejos, das necessidades, dos valores que constituem os motores da prática. Por um efeito de metonímia, este estado final pode ver-se assimilado ao valor que lhe é atribuído e, para além deste valor, a toda a ação. Assim, a prática passa a deixar de ser compreendida como um fenómeno objetivo que modifica, de uma maneira ou de outra, a ordem das coisas, para entrar na esfera da moral ou da ideologia e, em suma, da ordem social. Trata-se neste caso de um sentido derivado da noção prática que não seria fundamental para o nosso propósito se não o encontrássemos algumas vezes quando se coloca a questão [...] das relações do saber com a prática.

Nesse processo de seleção aconteciam contradições *imperdoáveis* com certos candidatos, como por exemplo, um indivíduo que tenha iniciado a sua jornada de trabalho ainda jovem, pode possuir uma sabedoria inigualável no seu ofício, conhecer profundamente o seu labor e os possíveis enganos que poderiam ser cometidos. Por começar a trabalhar jovem, supõe-se que houve dificuldades, talvez financeiras, em idade na qual normalmente deveria estar freqüentando a escola. Este indivíduo ganhou em experiência prática no seu labor, mas por outro lado perdeu a formação acadêmica pelas circunstâncias de sua vida, pois, devido aos inúmeros empecilhos que um operário possui – horário, cansaço físico e mental, dificuldade econômica, etc. – acaba parando os estudos. Conforme Kuenzer (1992, p.182):

[...] o capital, segundo suas necessidades, contraditórias, de por um lado exercer dominação pelo controle do saber, e por outro de se utilizar do saber do operário como força produtiva, ora nega, ora afirma o saber do operário, utilizando-se para isso de critérios de valorização e desvalorização do saber teórico e do saber prático, que também são utilizados diferentemente nas distintas circunstâncias.

Hoje, esse indivíduo, com toda sabedoria do ofício, mas que não teve oportunidade de continuar os estudos, é quem está sofrendo com as grandes

transformações sociais. Por outro lado, o indivíduo que não necessitou trabalhar jovem, e conseguiu obter o certificado de conclusão de seus estudos, mas que não possui a bagagem do ofício a ser exercido e nem a vivência no mercado de trabalho, acaba ocupando o espaço no processo de seleção. A conclusão do ensino fundamental não garante a eficiência e sucesso no trabalho, mas é fator decisivo no momento da contratação. Como assinala Frigotto (1995, p.41):

A idéia-chave é de que a um acréscimo marginal de instrução, treinamento e educação, corresponde um acréscimo marginal na capacidade de produção. Ou seja, a idéia do capital humano é uma 'quantidade' ou um grau de educação e de qualificação, tomando como indicativo de um determinado volume de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas, que funcionam como potencializadoras de capacidade de trabalho e de produção.

O fator econômico, na vida do trabalhador, pode determinar as oportunidades de ingressar e de permanecer nos estudos. Filhos de famílias que possuem perfil carente financeiramente, podem não ter chances de conseguir se manter na escola, e conseqüentemente, no futuro sentirão maiores dificuldades no mercado de trabalho, podendo vir a sofrer maiores problemas financeiros. Segundo o mesmo autor:

[...] a escola é posta como determinante da renda, de ganhos futuros, de mobilidade, de equalização social pela equalização das oportunidades educacionais (tese básica do modelo econômico concentrador), e o acesso à escola, a permanência nela e o desempenho, em qualquer nível, são explicados fundamentalmente pela renda e outros indicadores que descrevem a situação econômica familiar (FRIGOTTO, 1984, p. 51).

Ainda existe uma outra questão nesse processo: quando o indivíduo possui um cargo na empresa e não concluiu seus estudos

satisfatoriamente, começa a preocupar-se com a sua permanência no mercado de trabalho. A idéia de que o novo trabalhador deve ser polivalente e mais qualificado, resulta numa mudança de comportamento dos operários, incentivando-os a buscar uma nova concepção de seus estudos. Para Malglaive (1995,p.99-100):

Embora alguns dentre eles possam ser diretamente construídos pelos operadores, os saberes teóricos e processuais, hoje necessários às atividades práticas, devem ser massivamente adquiridos fora da prática. Devem ser transmitidos a partir do imenso reservatório de saberes acumulados pela história da humanidade: o mundo simbólico. É o que chamamos ' via simbólica da aquisição dos conhecimentos' . Consiste numa confrontação com o mundo simbólico, recebido pelo intermediário levado à comunicação com outrem, direta na oralidade, ou indireta na escrita. Não limita a aprendizagem ao domínio restrito da situação na qual se desenrola a ação, ao imediatamente ' vivido' : abre potencialmente o sujeito à totalidade do mundo tal como é conhecido e concebido. Permite não apenas a aquisição de informações empíricas (o mundo tal como é apreendido), mas ainda de informações conceituais (o mundo tal como é concebido). E, sobretudo, permite a cada um fazer a economia de uma reelaboração autônoma dos conhecimentos existentes, mobilizando e guiando a atividade cognitiva necessária à sua construção.

As empresas exercem papel importante nesse processo, pois cada uma pode ter uma postura para resolver esse problema. O empregador possui várias soluções – renovar o seu quadro funcional, incentivar os funcionários a retornarem aos bancos escolares, montar tele-salas com orientação pedagógica, ou não acompanhar as mudanças do mercado de trabalho e ficar inerte no desenvolvimento – traçando o seu perfil organizacional. Várias interpretações desse quadro são possíveis, numa perspectiva mais específica, dentro do Behaviorismo Radical, por exemplo:



O Behaviorismo Radical conduzir-nos-ia para a seguinte análise da relação sujeito-cultura: o sujeito, enquanto membro de um grupo, possui inúmeros padrões comportamentais que, em última instância, são selecionados pela sobrevivência do grupo e não dele isoladamente (LOPES JÚNIOR, 1994, p. 38).

Nesta pesquisa o estudo foi concretizado numa escola especializada em educação de adultos, que atua inserida em empresas, acompanhando todo o processo de globalização que, conseqüentemente, se reflete no mercado de trabalho.

A escola SENAP – Serviço de Ensino e Assessoria Profissional – é uma escola particular, sob a supervisão da Diretoria Regional de Ensino, autorizada para ministrar formação em nível de ensino fundamental e de ensino médio. A escola trabalha de maneira singular: obtém um perfil itinerante, através de contratos empresariais. Quando uma empresa contrata os seus serviços educacionais, a escola define, através de cláusulas contratuais, séries em que serão oferecidas vagas, horário pertinente aos turnos de trabalho, conteúdos curriculares flexíveis – direcionado ao ramo de atuação da empresa no mercado de trabalho – espaço físico para instalação e funcionamento, geralmente próximo à unidade fabril a ser atendida. Todas essas características são definidas após o contrato, para facilitar o retorno dos funcionários aos estudos, de modo que consigam suprir as necessidades reais de seu cotidiano profissional.



A prática educativa do SENAP é baseada na pedagogia de projetos, por acreditar que através de um projeto pode-se inserir todo conteúdo curricular necessário e ter a liberdade de escolher a temática a ser discutida, em que os educadores propiciam realidades operárias, montam projetos inerentes à vivência profissional. Nesse sentido,

A realidade, figurativamente falando, é experimentada através de um filtro conceitual ou categorial, constituindo o mundo de significados do indivíduo. O homem vive mais num mundo de conceitos do que de objetos, eventos e situações. O conteúdo cognitivo da palavra escrita ou falada, numa mensagem, é uma versão altamente simplificada, abstrata e generalizada da realidade à qual se refere no mundo físico e da experiência consciente que essa realidade evoca no indivíduo. Se a pessoa diz: ' Vejo uma casa' , o conceito ' casa' sofre essas simplificações em ambos os sentidos (MOREIRA, 1982, p.27).

As aulas são planejadas não apenas focando aprendizagem de conteúdos curriculares; antes, considera-os mesclados aos conteúdos sociais vivenciados pelos alunos. Os adultos trazem para a sala de aula *bagagens* de vida que influenciam em sua formação e que serão utilizadas no seu desenvolvimento cognitivo. Os conteúdos expostos em sala de aula serão agregados a essa vivência, concebendo um significado particular, resultando em aprendizagem.

Psicologia educacional: uma ciência aplicada que tem um valor social, interessada não em leis gerais da aprendizagem em si mesmas, mas em propriedades de aprendizagem, que possam ser relacionadas a meios

eficazes de deliberadamente levar mudanças na estrutura cognitiva (AUSUBEL, 1968, p. 8).

No momento deste estudo, a escola estava terceirizada por uma empresa do ramo alimentício da cidade de Marília (S.P.). O contrato realizado consistia em regularizar funcionários de um turno de trabalho no ensino fundamental. Estavam inseridos no contrato funcionários do turno da tarde, e necessitavam concluir o ensino fundamental; o nível de escolaridade mais baixo dessa população era a 4ª série completa. Portanto, a escola precisava atuar na faixa de 5ª a 8ª série.

Houve diversidade entre os alunos matriculados, no sentido do domínio de conteúdos curriculares, porque cada sujeito possuía uma história e um tempo particular do seu abandono dos estudos. Mesmo tendo como referência a última série completa, não significava que freqüentariam automaticamente a série seguinte. Foi necessário realizar uma avaliação de conteúdos e, através desta, uma divisão em classes de aceleração com o objetivo de propiciar aos educadores condição de observar o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Todo esse processo teve a duração de um ano letivo – 1999 – e a partir destes resultados, os alunos foram matriculados em suas respectivas séries.

As séries são identificadas por termos, por terem a duração semestral, totalizando 10 termos. Os termos T5 e T6 são correspondentes à 5ª série e os termos T9 e T10 são correspondentes à 8ª série. Essas duas séries, por serem extremos – início de mudança pedagógica, com vários professores, inclusão de matérias até então não estudadas e final do ensino fundamental – na tentativa de fortalecer a aprendizagem para o ingresso no ensino médio, são divididas em dois termos, resultando em um ano letivo completo para cada série.

Por tais características *sui generis* dessa escola pesquisada, talvez haja uma formação mais direcionada para a realidade de seus alunos e para o exercício da cidadania. A educação de adultos pode ter o perfil de resgatar o tempo escolar que foi interrompido, mas com a ânsia de propiciar a perspectiva para o futuro no âmbito profissional. Conforme McLaren (2000, p.81):

Estamos no limiar do séc. XXI, no cruzamento da história, olhando nervosamente em direção ao horizonte em busca de alguma indicação segura de que nossa compreensão dos eventos passados nos ajudará a prefigurar a forma dos tempos impressionantes que estão por vir. Confrontados pela nova ordem mundial das tecnologias da comunicação, pela sociedade da informação, pelos movimentos diaspóricos ligados ao fenômeno da globalização, pela política cultural ligada à pós-modernidade e por desenvolvimentos educacionais tais como o multiculturalismo e a pedagogia crítica, as educadoras e os educadores do séc. XXI enfrentam um enorme desafio.

O comportamento – retornar aos estudos – pode ser analisado por dois enfoques: o primeiro como uma atitude submissa em relação à empresa, satisfazendo uma exigência e assim ser bom funcionário, o que constitui caminho para a manutenção do emprego; o segundo como oportunidade em que o funcionário retorne aos estudos em busca da liberdade, no sentido de galgar melhor situação em sua vida profissional. Nessa perspectiva:

O objetivo da educação, num contexto de globalização, é, assim, reformar e modificar a nós mesmos, nossos pensamentos e nossos comportamentos, relativamente a regras e rotinas propostas ou impostas sobre nós pelas forças que nos sujeitam, através de práticas ou tecnologias do eu, disciplinares ou ‘ascéticas’ (mesmo quando ‘estéticas’). O propósito que subjaz a esse repensar a educação não é chegar, finalmente, à sua verdade, nem redirecionar seus habitantes para um caminho mais crítico ou democrático ou, de alguma forma, mais louvável, mas questionar rigorosamente, embora de forma irreverente, a abrangência e o limite do empreendimento que nos constitui como sujeitos que são também objetos (DEACON; PARKER, 2000, p. 150).

A educação precisa acompanhar as mudanças que as relações de trabalho vêm sofrendo ao longo do tempo, reconhecer as transformações causadas pela globalização, que determinam e produzem os problemas contemporâneos da educação. Em cada momento histórico da civilização, o mercado de trabalho se modifica e os trabalhadores percebem a necessidade de se adequarem à realidade estabelecida. Nessa nova realidade é que os

trabalhadores procuram se estabelecer, a mão-de-obra torna-se cada vez mais qualificada e ocorre o achatamento nas ofertas salariais. Toda transformação provocada pelo advento das máquinas industriais interferiu na produção de bens, não só resultando em avanços tecnológicos, que permitem um aumento da produção com custo baixo, mas, no que tange ao trabalhador, em um mecanismo mais intenso de controle das suas atividades.

Com o fenômeno da globalização, em que as empresas multinacionais assumem, no início dos anos 80, a opção de fabricar seus produtos nos países que permitem custo baixo na produção, passa-se a exigir mais do trabalhador, pois a mão-de-obra também está globalizada, uma vez que se utilizam requisitos internacionais nas exigências da qualificação de seus funcionários, comparando-os com candidatos do primeiro mundo, cuja situação educacional e social difere da nossa realidade. Em muitos casos, a administração de empresas passa a assumir o modelo iniciado pelos japoneses, enfocando a organização física do ambiente de trabalho, diminuição de desperdícios e custos e alta qualidade do produto final, causando, segundo Shiroma (1996), uma reunificação das atividades de concepção e execução, achatamento da pirâmide hierárquica, maior investimento das empresas em treinamento e qualificação dos funcionários. Os treinamentos são voltados para um *Programa de Qualidade Total* em que todos os funcionários devem conhecer técnicas para a resolução de



problemas. A meta a ser atingida em um programa de qualidade total é a plena satisfação do cliente e o que dá suporte a esse sistema é a avaliação de desempenho, mesmo realizada de maneira informal. Nessa ideologia de constante avaliação, encontra-se uma nova ética de trabalho, uma nova visão com relação aos erros, reconhecendo os acertos e colocando a satisfação do cliente acima de tudo. Com Demo (2000, p.17):

Por mais que se acentue educação, esta acaba aparecendo como funcional ao mercado, porquanto se tornou importante por causa do mercado. Este, por sua vez, não se interessa propriamente por educação, mas pelos efeitos funcionais em termos de manejo de conhecimento. Quando se afirma que o mercado precisa hoje de gente bem educada, na prática alega-se a necessidade de 'treinamento' técnico, em particular em processos produtivos informatizados.

Isso vem acontecendo num processo contínuo desde o século XIX, com a Primeira Revolução Industrial, quando houve a transição de uma economia agrária para uma economia industrial. Os trabalhadores tinham que enfrentar o novo mercado de trabalho, o que, conseqüentemente, modificava também o modo de vida, as relações interpessoais, comportamentos sociais, carga horária e aspectos financeiros. Henderson (1969, p.122-123) descreve alguns episódios quando menciona os operários:



A revolução industrial teve conseqüências dramáticas para todos os grupos de trabalhadores. Os operários nas fábricas, os mineiros nas minas de carvão, os artífices nas suas oficinas, e os camponeses na terra, tinham de se ajustar a um modo de vida inteiramente novo. Muitos entravam nas fábricas com grande relutância. Para os artífices respeitáveis, as fábricas pareciam estar a atrair operários do mais baixo estofe e tais estabelecimentos começaram a ser considerados quase como prisões ou asilos. Os males sociais das fábricas, das cidades fabris e das mineiras, e as tragédias dos trabalhadores domésticos agora desempregados estavam entre os primeiros aspectos da nova ordem que requeria a atenção dos reformadores. Muitos operários das primeiras fábricas ficavam em completa dependência dos seus novos patrões. Os trabalhadores achavam, pois, difícil adaptar-se à disciplina imposta da fábrica. No passado, os artífices e os camponeses trabalhavam muitas horas, mas podiam descansar de vez em quando. A máquina cruel, contudo, precisava de atenção constante. A pontualidade e a rigorosa atenção ao trabalho eram reforçadas por multas e ameaças do desemprego.

Transformaram-se as relações trabalhistas, causando infindáveis mudanças no mercado de trabalho e interferindo no perfil de habilidades dos trabalhadores. Os indivíduos submeteram-se a um processo *reedutivo* para uma subsistência financeira e social, aprenderam a lidar com máquinas e assimilaram processos produtivos; essa nova ordem social exigia mais uma aprendizagem dos operários: uma adaptação social.

Para essa nova realidade ser assimilada, foram necessárias várias mudanças de atitudes, de postura profissional e quebra de paradigmas sobre o



conceito de produtividade. Toda essa transformação acontecia numa sociedade resistente à modernização:

Uma sociedade com uma classe média bem desenvolvida, divisões de classes flexíveis e operários que podiam aprender novas técnicas e aceitar uma nova espécie de disciplina era própria para se abrir mais rapidamente do que uma sociedade com uma classe média fraca, barreiras rígidas de classes e camponeses altamente conservadores (HENDERSON, 1969, p. 22).

Não se pode negar que há uma continuidade nos acontecimentos, pois nenhum evento acontece deslocado do processo histórico. Nessa medida, consideremos que o devir histórico é gradual e contínuo. Porém, percebemos grandes transformações que marcam momentos decisivos na história da humanidade. As mudanças vitais que a Revolução Industrial trouxe produziram influências que até hoje são determinantes tanto do cotidiano do homem comum quanto de novas descobertas pela minoria do mundo da ciência, como a aplicação de descobrimentos científicos e avanços tecnológicos industriais, concentração das unidades produtivas, expansão da produção em setores estratégicos, racionalização da estrutura da população ativa do país, superação das precedentes relações de produção nas cidades e nos campos, exasperada tendência à urbanização, aparecimento de grupos cada vez mais numerosos de empresários industriais de diversas extrações sociais, surgimento de uma nova



classe política, emergência e formação de um proletariado de massa com sua específica consciência de classe.

Para o início da Segunda Revolução Industrial, houve duas grandes esferas de importância fundamental, que foram o desenvolvimento da energia atômica como fonte de força e a produção de máquinas controladas eletronicamente, provocando novamente modificações abruptas na economia industrial. Sternberg (1962, p.210-211) analisa a relação da Segunda Revolução Industrial e o mercado ocidental:

Desde a época em que a máquina a vapor foi inventada, o trabalho humano tem sido substituído progressivamente pela máquina, e se quisermos encontrar hoje uma definição concisa das modificações que o processo técnico, representado pela Segunda Revolução Industrial, vai provocar, e que se resume na palavra automação, devemos, acima de tudo, deixar claro que esta não é uma indústria nova, nem uma máquina com qualidades antes desconhecidas. É uma técnica nova, que se está estendendo, não só a uma área cada vez maior da indústria, mas também à administração. As máquinas são hoje operadas em proporções sempre maiores, não pelo trabalho humano, mas por outras máquinas. Em palavras diferentes, neste período de automação, o trabalho humano está sendo progressivamente excluído de todos os processos industriais, desde a matéria-prima até o artigo acabado.

A automação provoca desemprego e readaptação dos operários – isto nos leva a pensar em quantos trabalhadores são atingidos diretamente por esse processo automático - mas não podemos ignorar que *indústria* não



representa a totalidade da economia e, o mais importante, as indústrias requerem tempo e condições financeiras para se adequarem à nova tecnologia. Ainda, a que se considerar que todo produto necessita de consumidor; portanto, quanto mais desempregados menos consumidores. Concluímos que esse processo é complexo, pois envolve questões que não se restringem ao enfoque econômico, mas estão envolvidas na reorganização social e política da sociedade. Portanto, a evolução desse processo, aconteceu de modo lento e progressivo nas fábricas, dentro de um planejamento financeiro, organizacional e com uma preocupação social, em relação ao impacto que poderia ser causado e refletido no índice de consumo do produto, mitigando a renda do empresário. Além disso, para a empresa não convém se desfazer de maquinários antigos para substituí-los pelas inovações infundáveis: o desperdício seria insensatez. Veja-se Sternberg (1962, p. 136):

Na indústria, a situação é muito diversa. O processo de automação, por exemplo, deve desenvolver-se dentro das condições industriais já existentes. Na indústria não basta que as novas máquinas sejam mais eficientes do que as velhas – embora no setor militar isso seja o bastante – mas devem também ser mais lucrativas. E quanto a isso o volume de capital já investido na produção é um fator muito importante. Não pode ser abandonado facilmente, e dado por perdido. Essa circunstância age naturalmente como um freio e reduz o ritmo no qual a indústria adota a automação.

Marx e Engels (1985, p.118) antevêem o surgimento da automação, na qual a força de trabalho iria progressivamente abandonando a produção braçal e assumiria a função de “ vigiar e controlar as máquinas” . Com a intensificação do processo de modernização da sociedade, houve um aumento do pauperismo e do subemprego, das desigualdades sociais, das desigualdades na distribuição da renda nacional brasileira. Como consequência, emerge nos trabalhadores a necessidade de moldarem-se ao mercado de trabalho real; alguns se submetem a subempregos como profissionais independentes (sem vínculos empregatícios) ou como funcionários que se comportam conforme a filosofia organizacional. A identificação do indivíduo com a função exercida e com o papel do trabalho em sua vida, se dissolve: o labor passa a ter uma concepção somente econômica. Mattoso (1995, p.143) acredita que esses fatores compõem o quadro da “ desordem do trabalho” e defende que o Brasil está frente à Terceira Revolução Industrial, produto de uma desestruturação econômica internacional:

O neoliberalismo não adquiriu força crescente nos primeiros anos da década de 90 somente porque imposto pelos EUA e organismos internacionais, mas sim porque opção de importantes setores empresariais (industriais e agrícolas), classes médias e, inclusive, de parcelas dos trabalhadores brasileiros que apoiavam formalmente as políticas do Governo Collor. Estes setores encantados com o canto da sereia da modernização conservadora, com o discurso ideológico que vislumbrava o fim da história e dos espaços nacionais e o início do reino do consumismo, pensavam poder, enquanto comerciantes e

consumidores de quaisquer produtos importados ou produtores de um nicho ou de uma ilha de excelência e produtividade, integrar-se à economia mundial, pouco se importando caso isso gerasse ainda maiores desigualdades, ruptura do tecido social, da democracia ou mesmo nacionalidade.

O momento atual do mercado de trabalho distancia cada vez mais os degraus das diferenças econômicas e sociais da nossa população. Agressivamente, o capital governa a situação social do Estado fortalecendo o poder e a riqueza de alguns indivíduos, mitigando as oportunidades de desenvolvimento e melhoria de vida de outros. Há uma reestruturação e uma nova ordem social:

Chegamos aos anos de 1990 podendo constatar, no cotidiano, o fato de que vivemos um novo momento da história mundial, no qual as formas hegemônicas promovem um intenso e perverso processo de reconcentração da riqueza, do conhecimento e do poder. Coadunada com os valores centrais do projeto identificador neoliberal é tecida, gradativamente, mas de modo agressivo, uma nova forma de sociabilidade moldada pela lógica mercantil (RUMMERT, 2000, p.64).

Diante da nova crise que a classe trabalhadora vive, acredita-se que uma dupla direção se evidencia: uma redução quantitativa do operariado industrial tradicional e uma alteração qualitativa na forma de trabalho, ocasionando, de um lado, uma desqualificação e, de outro, impulsionando para

uma melhor qualificação do trabalho. Há uma forte tendência para se exigir cada vez melhor qualificação por menores salários e para atividades operacionais simplificadas com o mínimo de exigência de reflexão sobre sua funcionalidade. Portanto, a tendência apontada por Marx, cuja efetivação plena supõe a ruptura em relação à lógica do capital, deixa evidenciado que, devido aos avanços tecnológicos e científicos, haverá uma constante mudança no processo de trabalho, e que a contínua qualificação e a intelectualização do labor manual terá o seu peso crescente. Segundo Antunes (1995, p.54):

Pode-se constatar um efetivo processo de intelectualização do trabalho manual e uma desqualificação somada a uma subproletarização intensificadas, presentes no trabalho precário, informal, temporário, parcial, subcontratado, etc. Essas duas tendências são distintas e mostram-se também sintonizadas com o modo de produção capitalista, em sua lógica destrutiva.

Este breve histórico das mudanças no mundo do trabalho pretende servir como amostra para que se perceba que trabalhadores de todas as partes do mundo procuram adequações para uma permanência ou um ingresso na vida profissional, que não fazem parte de um problema necessariamente atual, muito menos passageiro. Em muitos momentos podemos apontar diferentes tendências no mercado de trabalho, moldando comportamentos sociais dos trabalhadores; acredita-se que novas tendências serão manifestadas e, como

consequência, surgirão novos comportamentos sociais diferentes dos atuais. Explica-se: vivemos numa sociedade capitalista e o modo de produção não é diferente do que Marx (1971, p. 872) já previa: " Hoje em dia, a supremacia industrial traz a supremacia comercial. No período manufatureiro, ao contrário, é a supremacia comercial que proporciona o predomínio industrial" . O ritmo produtivo aumenta as tentações consumistas, pois fornece o objeto do consumo, determina o modo do consumo e por final o instinto do consumo, depreende-se das asserções marxistas. Talvez o trabalhador, diante de situações conflitantes, não tenha condições de desvendar o significado do comportamento – trabalhar – no contexto da sua vida. Pode passar despercebida a importância de sua atividade operacional para a evolução e mudanças sociais. O indivíduo não se percebe como sujeito social ativo da história do mundo, uma vez que suas atitudes e habilidades no ambiente organizacional provocam mudanças e se refletem na história da civilização. Por exemplo:

Para Marx, o trabalho é a atividade humana essencial; somente os homens são capazes de agir deliberadamente sobre o mundo, mudando-o. Isso contrasta com Adam Smith, para quem o ócio era o estado ideal do homem, e o trabalho era uma atividade coerciva. Mas Marx nega isso, e afirma que o trabalho realiza a espontaneidade humana e tem o mais alto valor potencial. Na sociedade tal como existe, o trabalho é coercivo não devido à sua natureza, mas devido às condições históricas sob as quais é realizado. Nas condições da economia capitalista, a produção é realizada em circunstâncias tão alienadoras que o trabalho, a atividade



criativa do homem, o processo que chamamos de ' objetificação' , se torna um processo de desumanização (SARUP, 1986, p.109).

O significado do labor para o homem deveria ser o prazer, o momento de satisfação do objetivo da vocação humana, da capacidade de utilizar o trabalho manual e intelectual, o bem estar, mas o trabalho passa a significar a *ponte* para satisfazer o desejo de consumo, de conseguir capital para aquisição de bens materiais.

Segundo Nosella (1995, p.30), na história, ao longo dos séculos, o trabalho humano tem diferentes formas e concepções. A própria palavra -trabalho- tem um significado de escravatura, de sofrimento, e não de prazer. Mesmo com a descoberta das máquinas, com nitidez, percebe-se que não está se favorecendo o trabalhador, como as ciências progressistas da época apregoavam.

Nas grandes linhas, são bastante conhecidas as características do trabalho humano dos escravos da antiguidade clássica ou dos servos da Idade Média. Dentro do sistema sócio-econômico onde a produção material é fundamentalmente de consumo, onde a terra é a dimensão do poder sócio-político das classes aristocráticas, onde a afirmação de que os homens são por natureza desiguais é tida como ' racional' , o trabalho humano só podia ser concebido como estigma fatal ou castigo. Em outras palavras, o trabalho só poderia ser mesmo um ' tripalium' (três paus), ou seja, um verdadeiro instrumento de tortura.

Numa visão marxista, o trabalho representa a troca do labor pelo capital, construindo uma falsa idéia de enriquecimento e satisfação. O indivíduo trabalha para a manutenção de sua subsistência financeira, transformando o significado do trabalho em um processo desgastante e alienado. A sua vida ativa no mercado de trabalho se identifica como algo cansativo, cheio de compromissos intermináveis, perdendo todo o prazer e a motivação da criatividade e a satisfação no comportamento – trabalhar. O indivíduo exerce sua atividade no trabalho comportando-se de uma maneira alienada, ou seja, não realiza o ato do labor como parte de suas perspectivas, com o entusiasmo que o artista cria e executa uma obra de arte. O comportamento apenas faz parte de movimentos corporais, está fora de seus anseios, de seus sentimentos: produz-se algo para alguém, e não para o seu próprio destino. Para Sarup (1986, p.109):

O trabalhador é relacionado com o produto de seu trabalho como um objeto estranho. O objeto que ele produz não pertence a ele, domina-o, e só serve, em longo prazo, para aumentar a sua pobreza. A alienação surge não só no resultado, mas também na produção e na própria atividade produtiva. O trabalhador não está à vontade no seu trabalho, que ele considera apenas como um meio para satisfazer outras necessidades. É uma atividade dirigida contra ele próprio, independente dele e que não lhe pertence. Em terceiro lugar, o trabalho alienado consegue alienar o homem da sua espécie. A vida da espécie, a vida produtiva, a vida criadora de vida, transforma-se num simples meio de manter a existência individual do trabalhador, e o homem é alienado de seus semelhantes. Finalmente, a própria natureza é alienada do homem, que com isso perde seu próprio corpo inorgânico.

O trabalho, para o homem, ainda pode ser analisado como um comportamento indispensável e necessário, pois oferece o valor econômico, que faz parte da nossa sociedade capitalista, tornando o ato de trabalhar uma troca monetária, mitigando uma fonte de prazer que o indivíduo poderia usufruir. Na análise de Skinner (1998, p. 425-426):

A parte do comportamento de trabalhar, que está sob o controle econômico, gera estímulos aversivos – da própria natureza do trabalho ou do fato de que impede o trabalhador de se empenhar em atividades que seriam reforçadoras de outras maneiras. Essas conseqüências aversivas são aproximadamente contrabalançadas pelo reforço econômico que o trabalhador recebe. Quando o operário aceita ou rejeita uma oferta de trabalho, pode-se dizer que está comparando reforçadores positivos e negativos.

Se o processo de mudanças tende a ser constante e progressivo, talvez seja interessante render-se à flexibilidade e adequar-se aos comportamentos conforme a situação. O indivíduo, ao assumir uma atitude, vê-se diante de um conjunto de valores que tendem a influenciá-lo. O indivíduo manifesta uma tendência a comportar-se em determinadas situações, mas suas ações são também influenciadas pelas circunstâncias presentes. Um trabalhador, inserido no cotidiano industrial, assume comportamentos, na sua vida, que podem não significar, necessariamente, que ele goste daquela atitude, ou que esta seja

coerente com seu modo de pensar. Talvez esse indivíduo esteja manifestando um comportamento conivente com as expectativas geradas no ambiente de trabalho. Para que se averigüe a atitude do trabalhador, deve-se identificar os vínculos que ele mantém com esse comportamento manifesto, como se estabeleceram, que determinantes o levam a agir e como tais determinantes se encontram inter-relacionados:

Numa formação social como a brasileira, caracterizada por um processo de desenvolvimento capitalista desigual e combinado, onde o processo de industrialização ainda não se completou, verifica-se já o início da tecnização dos processos de trabalho em todos os setores da economia: na agricultura, na indústria e na produção de serviços. Do lado do trabalho, dois pólos marcam sua presença de forma elucidativa e ao mesmo tempo desconcertante pela significativa diferença de situação e perspectivas, que ao final culminam, por vias diferentes, num processo de exploração e alienação (MACHADO, 1992, p.17-18).

Numa perspectiva não-marxista, mais psicológica que sociológica, mas oriunda da vertente pragmatista geral, há uma tendência acentuada de se identificar influências dos valores como condicionantes da maneira como alguém se comporta ao selecionar preferências em uma situação social. As hierarquias ou prioridades de valores tenderiam a capacitar o indivíduo diante das escolhas de comportamentos. O sistema de valores do indivíduo é representativo de sua cultura (meio social), mas é influenciado pelos reforços, condicionamentos e

ideologias vigentes em cada realidade, e também pelos objetivos a serem alcançados. Ainda, esse comportamento pode modificar a realidade do meio social em que o indivíduo está inserido, tornando-se, dessa maneira, o indivíduo e a cultura influenciados mutuamente.

Se o ambiente social requer do indivíduo um comportamento adequado para a situação vivenciada pelo grupo, pode-se pensar que a modificação de atitudes passa a ser incorporada por todos os membros que fazem parte de tal grupo social; assim, não se caracteriza como uma mudança de comportamento individual, mas assumida pelos componentes inseridos na situação social:

É comum falar de família, clã, nação, raça e de outros grupos como se fossem indivíduos. Conceitos com o ' pensamento do grupo' , o ' instinto do rebanho' , e ' caráter nacional' foram inventados para apoiar esse procedimento. Entretanto, é sempre o indivíduo que se comporta. O problema apresentado pelo grupo maior é explicar por que muitos indivíduos se comportam juntos. (SKINNER, 1998, p. 340)

No caso do grupo social da presente pesquisa, os sujeitos são trabalhadores que não completaram o ensino fundamental e trabalham na mesma empresa, perseguindo o mesmo objetivo e assumindo preocupações em relação ao futuro profissional. Um comportamento social espera um reforço também social, mas não necessariamente igual para cada membro do grupo. O

comportamento estudado- voltar aos estudos – pode obter reforços e conseqüências distintas para cada indivíduo, mas dentro do contexto da empresa, o reforço imediato é o mesmo: manutenção do emprego. Ainda com Skinner (1998, p. 327):

O reforço social varia de momento para momento dependendo da condição do agente reforçador. Dessa forma, respostas diferentes podem conseguir o mesmo efeito, e uma resposta pode conseguir diferentes efeitos, dependendo da ocasião.

Perante o quadro econômico do Brasil e a crise de desemprego mundial, o funcionário empenha-se nos programas de treinamento oferecidos pela empresa e procura qualificação em escolas de ensino regular, para manter o seu lugar no mercado de trabalho. Isso leva a questionar se o comportamento do funcionário – procurar um ensino regular – (1) é influenciado pela luta direta com objetivo de simples subsistência, 2) se é apenas um meio de ascensão social ou, ainda, 3) se esse aluno-trabalhador está buscando um desenvolvimento intelectual, alguma aprendizagem. Naturalmente, não se prescinde de cogitar acerca de certa indissociabilidade inerente às várias possibilidades mencionadas:

Muitas vezes estamos mais interessados, entretanto, no comportamento que produz algum efeito no mundo ao redor. Este comportamento origina a maioria dos problemas práticos nos assuntos humanos e é também de

um interesse teórico especial por suas características singulares. As conseqüências do comportamento podem retroagir sobre o organismo (SKINNER, 1998, p.64-65).

De qualquer maneira, o trabalhador está caminhando rumo a uma melhor situação de vida, seja profissional, financeira ou social. Procura alcançar um objetivo – concluir o ensino fundamental – que por diversas razões não teve oportunidade de obter numa idade escolar regular. Independente do motivo principal, o comportamento de voltar a estudar supre algo que, de um certo modo, no momento atual lhe faz falta. Nesse sentido,

A educação diretamente articulada ao trabalho se estrutura como um sistema diferenciado e paralelo ao sistema de ensino regular, marcado por finalidade bem específica – a preparação dos pobres, marginalizados e desvalidos da sorte para atuarem nas funções técnicas localizadas nos níveis mais baixos da hierarquia ocupacional (KUENZER, 1992, p. 126).

É necessário que se faça considerações perante as necessidades do aluno-trabalhador, pois quanto mais tempo um adulto se encontra distante do ensino regular, maiores terão sido suas vivências e seus conceitos arraigados. Este fato leva à reflexão de que o educador necessita aproximar-se do seu aluno, favorecendo os interesses de sua clientela. Balizada por tais premissas, a educação que interessa aos trabalhadores clama por uma postura do educador

que o aproxime da realidade cotidiana dos seus alunos, ampliando o seu campo de conhecimento e obtendo uma consciência crítica, caminhando, dessa forma, para uma educação com tendências à cidadania. Um cidadão participa das decisões sociais que interferem em seu destino, não apenas aceita a realidade e se cala perante as catástrofes do mundo, é maduro suficientemente para exigir os seus direitos:

A tese da imaturidade e do despreparo das camadas populares para a participação e para a cidadania é uma constante na história do pensamento e da prática política. Os longos períodos de negação da participação são justificados porque o povo brasileiro não está, ainda, educado para a cidadania responsável (ARROYO, 1999, p. 33).

A educação do trabalhador não pode ser voltada apenas aos assuntos técnicos de sua profissão, sob pena de ser uma escola puramente técnica, com objetivos mais tendenciosos a um treinamento empresarial. O indivíduo necessita ampliar o seu campo de conhecimento para assumir o poder de governar o seu próprio comportamento. O conjunto de comportamentos, conseqüentemente, governa os seus destinos, propicia a liberdade de escolher o curso de suas ações, não somente no âmbito profissional, mas em todos os outros aspectos de sua vida. Porém, por mais que o discurso prolixo e enfadonho do

educador restitua o sentimento de cidadania aos seus alunos, a realidade vivenciada pelos alunos na fábrica é contraditória. Ainda com Arroyo (1980, p.11):

‘ As belas mentiras’ são desmistificadas no primeiro dia de fábrica. O jovem que abandona a escola prematuramente para bater nas portas da fábrica engavetará as ‘ belas mentiras’ , remendo empobrecido do saber de outra classe, e retomarás seu saber e sua consciência de filho de operário, saber nascido no cotidiano, nas condições de vida e trabalho de sua infância e de sua família. A nova vida de fábrica, de operário, de assalariado, a organização e movimentação de classe, poderão ser ‘ sua escola’ , onde formará sua consciência real, comprometida com novas práticas. A contraconsciência que o aparelho ideológico do Estado, a escola, tentou nele inculcar pode até servir para fazê-lo perceber com mais clareza a ‘ triste realidade’ de sua classe ou então servirá para que ele se apresente como um membro ‘ educado’ nos seus escassos momentos de relacionamento com a ‘ boa ordem’ : ao pedir emprego, aceitar contrato[...]Mas na sua prática de classe, a consciência que vale é a sua consciência e não o saber inculcado pela escola.

A educação de jovens e adultos tem como objetivo um desenvolvimento global do ser humano, ou seja, uma perspectiva de que o aluno irá conseguir ser dono de seu destino, de suas decisões, da sua autonomia. Segundo Quaglio (1992, p.81):

A educação de adolescentes e adultos, marcada inicialmente pela busca da alfabetização para todos, tem na legislação brasileira medidas para



concretizar um grande avanço na implementação de um subsistema de ensino supletivo.

A própria legalidade garante, ou pretende garantir, ao aprendiz uma formação arraigada em um suporte aliado à cidadania. A intenção da educação básica é, justamente, propor progressões em sua vida profissional e perspectivas futuras de aprendizagem. Independente de ser uma educação voltada para jovens e adultos, a lei deixa clara a emergência de uma nova tendência, principalmente no ensino básico. A perspectiva posta na LDB 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases - que entende a escola básica como educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, discorre no artigo 22 da seguinte forma: " A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores" (BRASIL, 1997, p.3).

Se a escola básica tem a referida finalidade, supõe-se que o aluno terá a capacidade do exercício da cidadania, será apto para decidir sua liberdade, seus valores e seu ideal político. Todavia, percebe-se trabalhadores alienados, concordando com filosofias organizacionais, escravos de suas necessidades capitais e consumistas. A educação pode auxiliar o indivíduo a procurar um equilíbrio entre o exercício de cidadão e a postura submissa que o cotidiano profissional pode causar. A escola cidadã pode ensinar ao seu aluno a

sobrevivência no perfil do mercado de trabalho atual. “ É indispensável questionar a noção reducionista e utilitária que reduz o trabalho à produção material de subsistência e a educação uma função social seletora e especializante daquela produção” (ARRUDA, 1995, p. 71).

Analisando a questão educativa, pode-se refletir que o objetivo central do capitalismo é a expansão do capital, perseguindo-o pelas regras sociais em que se vive e a escola pode contribuir com o processo de mudança para novos hábitos no trabalhador, adequando-o ao perfil da sociedade em que vive. Nesse sentido, a educação tem como foco disciplinador transformar o homem num trabalhador que consiga resolver seus problemas, buscar o entendimento global dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais. Observa Frigotto (1992, p.51)

Para as classes populares, o acesso à escola básica é condição necessária, ainda que não suficiente para uma qualificação humana que as capacite lutar por seus direitos fundamentais. Essa qualificação básica não exclui a necessidade de oportunidades de uma formação profissional mais específica feita no mundo de produção, em centros públicos ou privados de formação profissional sem a primeira formação de caráter básico, todavia, a segunda se tornará adestramento puro e simples.

Uma análise teórica possível para situações desse gênero é a tipicamente concebida por uma *cadeia* de comportamentos, iniciada por um

comportamento quiçá, essencialmente determinado pela empresa – retornar aos estudos. A definição de cadeia de comportamentos é explicada:

Quando as seqüências se mantêm ligadas através de um processo no qual o reforçador condicional para uma resposta serve de estímulo discriminativo para a próxima, a seqüência é denominada de ' cadeia comportamental' . Os ' elos' da cadeia são as ações desempenhadas uma após a outra (BAUM, 1999, p. 112).

Outra interpretação possível para o estudo presente - numa visão mais skinneriana - a partir de pressupostos teóricos do behaviorismo radical, que tem uma perspectiva de interação do organismo com o meio ambiente, assim se apresenta:

Todas as relações de produção podem ser estudadas como comportamento de indivíduos e, dentro da psicologia pode ser estudado de várias perspectivas, para o behaviorismo radical o comportamento é explicado como função da interação do organismo com o ambiente, esta interação modifica o indivíduo na medida em que ele vai sendo exposto às contingências ambientais (BARBARA, 1999, p. 36).

Da mesma maneira que o comportamento de retornar aos estudos significa uma mudança imediata na vida do trabalhador, também provocará mudanças futuras nos aspectos pessoais, sociais e profissionais. Tais mudanças

intervêm tanto no destino de seu futuro, como no ambiente que o cerca. Na perspectiva comportamentalista:

O behaviorismo concebe o ser humano como um organismo que se comporta e, ao se comportar, produz conseqüências, atua no ambiente. As transformações que provoca também modificam, dando ao homem uma possibilidade imensa de intervenção no seu destino e na busca dos objetivos que ele almeja (GUILHARDI, 1999, p.5).

Em nossa pesquisa, o resultado do comportamento do funcionário - o de retornar aos estudos - serve como estímulo discriminativo para comportamentos operantes posteriores, como não parar de estudar quando receber o seu certificado, procurar uma melhor colocação no mercado de trabalho; e como reforçador condicionado para o comportamento operante que o produziu - não perder o emprego atual. Ainda analisando o comportamento do retorno aos estudos, a realidade descrita denota um controle através de um conjunto de regras, freqüentemente estabelecidas pela empresa, cujo não-cumprimento acarreta punição - o desemprego. Retomando Frigotto (1992, p. 51):

A crise profunda do capitalismo, vincada pela exorbitante concentração de riqueza e pelo aumento da exclusão da maioria do direito de uma vida dentro de um mínimo de dignidade, indica que, definitivamente, este tipo de relação social, em todos os âmbitos, não representa saída para uma sociedade que busque o desenvolvimento e satisfação das necessidades humanas.

Da experiência profissional desta autora em empresas multinacionais, exercendo funções de recrutar e selecionar pessoal e de treinar e desenvolver capacidade humana, a percepção que se tem é que o setor de recursos humanos molda o comportamento de seus funcionários com o objetivo de total passividade, de obediência, no limite mediante técnica similar a uma *lavagem cerebral*, e não com intuito de promover um desenvolvimento cognitivo, capaz de atender às necessidades mais amplas do mundo atual:

A despeito de sua triste publicidade, a 'lavagem cerebral' usada pelos comunistas não é uma nova técnica mágica, mas um método baseado em uma mistura de tradições da política, sendo comum a respeito da personalidade, dogma marxista e a concepção comunista de comportamento não conformista (FREEDMAN, 1976, p.117).

A técnica de *lavagem cerebral* consistiria de alguns esclarecimentos sobre as regras administrativas da instituição (horários, uniformes, benefícios, etc), demonstração da pirâmide hierárquica (organograma), propaganda intensiva da empresa e seus produtos, recomendações para serem multiplicadores de opiniões, oferecimento de seus produtos a pessoas conhecidas, dicas de boa convivência, amparada na teoria da inteligência emocional. Note-se o que diz Biderman (1962, p.550):

As práticas dos comunistas chineses não constituem um capítulo novo e sem precedentes da arte de influenciar. A aplicação da coerção, da persuasão e de mudanças radicais do ambiente social tem sido usada com muita frequência na história, com o objetivo de produzir mudanças nas crenças e comportamentos tão extremas e tão alienadoras como aquelas produzidas pelas 'lavagens cerebrais' comunistas na atualidade. Brados como 'eu sou um porco sujo, mas começo ver a luz' têm existido sempre ao lado de confissões autodestrutivas e de renúncia, oportunistas ou enganosas de todas as formas de crime e alianças diabólicas.

Um setor de recursos humanos nesses moldes resume-se a tarefas burocráticas e conscientização de que obedecer a regras sempre será um bom negócio. A função de recrutar e selecionar pessoal transforma-se em uma grande burocracia, cercada de papéis contendo regras claras e precisas. Na realidade, não se observa o recurso humano do candidato a uma vaga, e sim o seu *curriculum vitae* ou sua ficha de solicitação de empregos, tendo como bases em todas as exigências requisitadas pela empresa. O treinamento e desenvolvimento humano, a outra face do setor de recursos humanos, possuem a função de moldar, diariamente, o indivíduo que ingressou na empresa à sua filosofia organizacional, que, na maioria dos casos, consiste em aumentar a produção, e, passivamente, conviver com o grupo e com a chefia.

Com a flexibilização funcional um novo perfil de qualificação da força de trabalho parece emergir e, em linhas gerais, pode-se dizer que estão



sendo postas exigências como: posse de escolaridade básica, de capacidade de adaptação a novas situações, de compreensão global de um conjunto de tarefas e das funções conexas, o que demanda capacidade de abstração e de seleção, trato e interpretação de informações. Como os equipamentos são frágeis e caros como se advoga a chamada administração participativa, são requeridas também à atenção e a responsabilidade. Haveria também um certo estímulo à atitude de abertura para novas aprendizagens e criatividade para o enfrentamento de imprevistos. As formas de trabalho em equipe exigiriam ainda a capacidade de comunicação global (MACHADO, 1992, p. 15).

O setor de treinamento mostra ao funcionário as dificuldades do mercado de trabalho, valoriza a empresa em que trabalha, através dos benefícios e remuneração oferecidos, e sempre está exigindo maior competência, mais agilidade nas atividades, permanente qualificação profissional. De acordo com o behaviorismo, pode-se dizer que trabalham num esquema de reforçamento em razão fixa, não apenas incluindo a remuneração, mas com todas as vantagens que a empresa deixa claro propiciar para os funcionários. Nesse esquema, originalmente, os experimentos têm mostrado resultados interessantes:

No sistema de incentivo conhecido como pagamento por tarefa, o operário recebe uma determinada quantia por unidade de produção cumprida. O sistema parece garantir o equilíbrio entre os bens produzidos e o dinheiro recebido. O programa é atraente do ponto de vista da gerência, que pode calcular de antemão o custo do trabalho, bem como do operário, que pode controlar a quantidade de seus ganhos. Entretanto, a aplicação deste programa de reforço de 'razão fixa' geralmente resulta no aumento da atividade em troca de uma compensação mínima.

Como induz o operário a trabalhar mais depressa, 'aumenta' a razão, isto é, possibilita exigir-se maior quantidade de trabalho por unidade de pagamento, sem correr o risco do operário parar de trabalhar. Seu resultado final – trabalho árduo e pouca remuneração – pode se manifestar como altamente adverso (SKINNER, 1973, p.31-32).

Para obter um funcionário *padrão*, as empresas utilizam a *técnica de modelagem* para conseguir comportamentos adequados para a realidade da filosofia organizacional. Treinamentos e mais treinamentos, gradativamente, moldam o comportamento do indivíduo até o padrão ideal, para que ele trabalhe de acordo com as regras empresarias. Para Skinner (1998, p.101):

O condicionamento operante modela o comportamento como o escultor modela a argila. Ainda que algumas vezes o escultor pareça ter produzido um objeto inteiramente novo, é sempre possível seguir o processo retroativamente até a massa original indiferenciada e fazer que os estágios sucessivos, através dos quais retornamos a essa condição sejam tão pequenas quanto quisermos. Em nenhum ponto emerge algo que seja muito diferente do que o precedeu. O produto final parece ter uma especial unidade ou integridade de planejamento, mas não se pode encontrar o ponto em que ela repentinamente apareça. No mesmo sentido, um operante não é algo que surja totalmente desenvolvido no comportamento do organismo. É o resultado de um contínuo processo de modelagem.

A par deste processo do setor de treinamento, as empresas vendem a idéia de que possuem um programa de qualificação para o seu funcionário. O programa consiste em ensinar técnicas de trabalho eficientes, com

margem de erro zero e com muita agilidade. Em geral são cursos rápidos, com poucas horas e/ou dias de aproveitamento, pois o funcionário necessita retornar rápido para a linha de produção e começar a produzir muito mais, pois já está qualificado para tal.

O que se deixa aos trabalhadores é um conceito reinterpretado e dolorosamente inadequado de qualificação: uma habilidade específica, uma operação limitada e repetitiva, 'a velocidade como qualificação' [...] hoje o trabalhador é considerado como possuindo uma 'qualificação' se ele ou ela desempenham funções que exigem uns poucos dias ou semanas de preparo (BRAVERMAN, 1987, p. 375).

Toda essa preocupação com a qualificação está associada a um objetivo da empresa: adquirir a certificação de qualidade ISO 9000. Para tal é necessário preencher vários requisitos pré-estabelecidos, proporcionando várias vantagens para a comercialização de seus produtos.

A existência de sistema de gerenciamento da qualidade instalado implicará melhor gerenciamento e controle. Deverá também reduzir desperdícios e tempo de para de máquinas, melhorar as relações com o cliente e intensificar os lucros; ainda assim, não produzirá produtos aceitos tanto por órgãos de compra da CE como qualquer companhia que leve em conta a avaliação do fornecedor que não esteja certificada por órgão independente de certificação (ROTHERY, 1993, p.19).

A ISO 9000 constitui uma norma regulamentadora, e deve ser controlada por uma instituição, no caso do Brasil – ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas, ligada na CE – marca da normatização da Comunidade Européia. Uma empresa que é contemplada pelo selo de qualidade da ISO tem facilidades nas suas negociações, exportações, financiamentos, além da confiabilidade garantida do seu produto no mercado. Para Rothery (1993, p.20):

Em 1987, a ISO publicou as primeiras cinco normas internacionais referentes à garantia da qualidade, conhecidas como Normas da ISO 9000. Suas declarações na época descreviam as novas normas como 'refinamento de qualidade' e 'a culminação do acordo entre as autoridades mundiais mais avançadas destas normas como base de uma nova era para o gerenciamento da qualidade.

Se estudarmos os preceitos centrais de tal norma regulamentadora, pode-se perceber que o quadro de funcionários de uma empresa que implanta o programa de qualidade é afetado diretamente. Atingem os recursos humanos da organização, permeando a questão do desenvolvimento humano e treinamento de pessoal. Tomemos como exemplo a norma da ISO 9001:

Inspeção, medição e calibração tanto do ensaio como do próprio equipamento de medição estão incluídas, visto que constitui controle de produtos não-conformes manuseio, armazenamento, empacotamento e expedição também estão incluídos, pois são registros da qualidade, auditoria e treinamento. (ROTHERY, 1993, p. 37, grifo nosso)

O treinamento obedece a ISO, dentro de um programa de qualidade, é rígido e planejado, mais uma vez, com regras pré-estabelecidas com requisitos prontos a serem *ticados*, muitas vezes apresentados e utilizados como *check list*, em que supervisores e auditores avaliam anualmente, tendo autoridade e legitimidade para avaliar o desenvolvimento do operário. Caracterizam a ISO:

7.0.0 – Treinamento

É responsabilidade do gerente da qualidade descrever a condição do treinamento da staff, à medida que este influencia a qualidade.

7.0.1 – O gerenciamento geral é responsável pelo treinamento dentro de cada uma de suas funções. O gerente de treinamento ou gerente de qualidade poderá ser empregado de acordo com a exigência estipulada; no entanto, o treinamento voltado à qualidade deve estar incorporado dentro de cada função operacional.

7.0.2 – O material de treinamento disponível é o seguinte: vídeos específicos, cursos, livros e workshops.

7.0.3 – O manual de treinamento é o documento número xxz. Esse material será revisado anualmente pelo gerente de qualidade, bem como em auditorias e na revisão anual do sistema.



7.0.4 – Deverá ser entregue um Diário de Treinamento do Funcionário (ROTHERY, 1993, p.190).

Acredita-se que o treinamento se desdobra em duas conseqüências relevantes: a primeira consiste em que o profissional, ao conhecer com mais profundidade o seu ofício e ao se tornar mais eficiente ao efetuá-lo, começa a gerar condições de sugerir hipóteses para sua aprendizagem contínua. A segunda conseqüência é o acúmulo de sucessos durante o trabalho: o profissional vai se auto-afirmando, se identificando, sabendo utilizar sua capacidade, conhecendo seus pontos frágeis, podendo, assim, aperfeiçoar seu autocontrole e conduzir melhor a sua caminhada.

Apesar de todo programa de treinamento empresarial planejado e executado com êxito que a ISO requer, cabe à escola formal a educação e documentação básica da aprendizagem. A capacitação permanente dos recursos humanos da empresa constitui um pilar sustentável da escola, que oferece garantia, como retorno à instituição, de crescer, fortalecer e, em última percepção, subsistir no mundo da qualidade total.

Portanto, de um lado há uma qualidade total empresarial, para que a organização alcance méritos de gerenciamento e comercialização, de outro lado, uma instituição escolar pressionada a atender a clientela dessa empresa, e no



fogo cruzado, pessoas trabalhadoras, em situações desesperadoras e sentindo as angústias do mundo globalizado. Para Malglaive(1995, p.246):

A formação não é só um instrumento, mas também um instrumento conhecido pelo fato de ter vivido de uma forma positiva ou negativa. Para os adultos, pelo menos para aqueles que lhe atribuem algum crédito instrumental, os efeitos que a formação pode exercer sobre a situação profissional continuam a ser uma expectativa dominante.

A escola, como instituição assistencialista, assume o comando e faz da educação de jovens e adultos um conjunto de processos de aprendizagens formais, procurando enriquecer as competências técnicas e profissionais do trabalhador. Mas, a educação de jovens e adultos contém uma concepção compensatória, no sentido de repor a escolaridade perdida durante a infância do indivíduo, déficits do passado interrompidos. Esta concepção de compensação pode causar a infantilização da educação, empobrecimento de conteúdos e subestimação do saber, podendo resultar em uma educação inadequada e de qualidade ruim. Ainda, pode ter como consequência uma atitude didática presa ao passado, com o objetivo de resgatar o conteúdo perdido e não relevando o futuro, que o trabalhador tanto está almejando e planejando com o retorno aos estudos.

O desejo de formação dependeria estreitamente da visão de futuro, mais precisamente dos projetos explícitos e próximos de mudanças ou de



reconversão profissional do indivíduo. Estes incluiriam igualmente projetos escolares e profissionais para os filhos (DUBAR; EVRARD, 1975, p.21).

A educação de adultos, portanto, deve proporcionar ao trabalhador uma educação básica que lhe permita uma formação contínua, capacitando-o para novas aprendizagens ao longo da vida. Se a escola mantiver uma prática tradicionalista poderá estar se tornando uma fábrica de fracassos, pois o mercado de trabalho exige uma formação básica e a escola está diminuindo sua qualidade para atendê-lo. Para Enguita (1993, p. 231):

A escola pode crescer, e sua estrutura mudar, em função da forma como a sociedade entende as necessidades de produção, por imperativo da legitimação meriocrática, pela crescente demanda popular da educação, por uma tentativa de disfarçar o desemprego, em nome da conciliação de classes dentro de um estado ou por outras razões, mas, quaisquer que sejam as causas primeiras e/ou aparentes, sempre há um processo ao longo do qual tende a se produzir um ajuste entre o que a escola dá e o que a produção pede.

Nesse tecido singular, a arcaica política educacional e a moderna filosofia organizacional convivem, se mesclam e até mesmo se desfiguram, produzindo um quadro desequilibrado e contraditório imprimindo “ uma profunda ruptura histórica, que atinge o nível dos valores, da fantasia, da organicidade

ético-moral nacional” (NOSELLA, 1993, p.160). E é sobre essas bases que há transformações nos parâmetros das relações de trabalho com a educação.

O IHL – Instituto Herbert Levy – ao longo da década de 90, preocupou-se em formular propostas para uma educação básica preocupando-se com as relações de trabalho, nas quais as referências às competências básicas ocupam lugar de destaque. Constituem-se em competências desejáveis para o mercado de trabalho, com um conteúdo pedagógico proposto para a conclusão do ensino fundamental, tais como a seguir descritas:

Competências em relação à escrita:

1. Redigir uma carta muito simples sem erros.
2. Anotar recados telefônicos.
3. Preencher formulários diversos (INPS, FGTS).
4. Preencher um cheque e calcular o saldo da conta bancária.
5. Preparar um recibo simples.
6. Deixar um recado por escrito para a equipe de manutenção, descrevendo o defeito na máquina.

Competências relativas aos cálculos:

1. Calcular quanto vai pagar o cliente quando é concedido um abatimento.
2. Alterar o montante de um orçamento para compensar o aumento do custo de vida de x%.
3. Calcular o volume de madeira a ser comprado a fim de construir uma cama simples cujas medidas de cada peça são dadas.
4. Converter uma medida em polegadas a centímetro e vice-versa.

5. Calcular o gasto do combustível durante uma viagem de x quilômetros, conhecendo o consumo por quilômetro. Em seguida, estimar o custo total da viagem, dado o preço do litro do combustível (IHL, 1992, p.46-49).

Retomando as normas sobre a qualidade total para as empresas, percebe-se claramente uma educação destinada às necessidades específicas advindas de tais normas, procurando um equilíbrio da inevitável relação do mercado de trabalho e da educação.

A partir de conseqüentes conflitos, surgiram interrogações que se pretende investigar neste trabalho, pois permeiam a qualificação de alunos-trabalhadores. Diante disso, a presente pesquisa justifica-se pelo fato de, levantando e analisando essas questões, compreender que mecanismos são desencadeados na educação de adultos em uma empresa. É a partir da compreensão desses fatos que se pode discutir formas de transformações de modo que se propicie uma aprendizagem que interesse à sua clientela, que auxilie no desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos. Com Arroyo (1999, p.55):

[...]Não se enfatiza a educação como pré-condição da cidadania, nem interessa a instrução do povo para torná-lo ordeiro no convívio social. O que interessa é que o povo continue no seu lugar: ' Logo que podem trabalhar, têm que arranjar qualquer trabalho, com o qual possam garantir sua subsistência' . A função da gente comum é cooperar para o progresso, trabalhando. Sua educação será apenas em função de que sejam tão estúpidos que se deixem desencaminhar dessa função por qualquer oposição injustificada.

É certo, como anteriormente descrito, que o mercado de trabalho sofre mudanças, e que faz parte do processo histórico; nada mais sensato que acompanhá-las e, para poder entendê-las, procurar a melhor forma de reação diante delas. O nível crítico de entendimento alicia valores calcados na cultura e na ação. O trabalhador, numa atitude sábia, busca o conhecimento nos bancos escolares, e passa a ter perspectivas de aprendizagens que possam ser somadas à sua prática profissional. Diz Nosella:

[...]há ainda educadores que pensam restaurar, junto às massas miseráveis, os ideais da revolução burguesa que, dizem, ainda não aconteceram plenamente no Brasil. Conseqüentemente, sugerem abstratas pedagogias de formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Quiçá, pensam, os miseráveis das nossas favelas não consigam entrar no mercado de trabalho porque lhes falta um preparo técnico e cívico adequado. Daí sua preocupação em melhorar a embalagem dessa mercadoria, mão-de-obra que ninguém quer (1995, p.39, grifo do autor).

Assim, constitui a questão central desta dissertação: a educação voltada para adultos auxilia de que maneira na formação profissional de seus alunos? Tais inquietações foram armazenadas no decurso da trajetória profissional da autora deste trabalho. O objetivo geral configura-se na investigação sobre a contribuição que a educação voltada para adultos propicia na formação

profissional dos seus alunos. O trabalho engloba a investigação da aprendizagem do aluno-trabalhador e uma provável relação com seu cotidiano profissional.

Desdobrando esse objetivo geral em objetivos específicos, o estudo tem a preocupação de compreender dificuldades de ordem prática no cotidiano profissional e, se a escola auxilia a minimizá-las; verificar a relação entre o conteúdo pedagógico proposto e a prática profissional dos alunos, além de observar aspectos do cotidiano pedagógico, como por exemplo: interação aluno x professor, questionamentos e discussões realizados durante a aula, interesse no conteúdo por parte dos alunos.

Investiga, pois, a realidade da relação educação x trabalho nas práticas educativas, analisando dados de diversas fontes, sendo colhidos de respostas de alunos, relatos de professores e observações registradas pela pesquisadora em aulas.

Para alcançar os objetivos da presente pesquisa, adotou-se, como apoio, o que estamos designando como metodologia empírica.

Pesquisa empírica é aquela voltada, sobretudo para a fase experimental e observável dos fenômenos. É aquela que manipula dados, fatos concretos. Procura traduzir os resultados em dimensões mensuráveis. Tende a ser quantitativa, na medida do possível (DEMO, 1987, p. 25).



A análise qualitativa procura enxergar o particular dentro de um contexto amplo, delimitando as informações. Os dados quantitativos entraram em cena, pois permitiram qualificar o problema e ilustrar o perfil dos sujeitos e da escola pesquisada. Especificando o conceito:

A forma pela qual os dados são coletados na pesquisa qualitativa é a 'comunicação' entre sujeitos e o 'tratamento' dos dados é feito através da interpretação. A pesquisa qualitativa é considerada, basicamente 'descritiva'. As descrições são tratadas interpretativamente (MARTINS; BICUDO, 1989, p.28).

Os dados coletados por observação são usados para diagnosticar a situação-problema, para escolher as técnicas e procedimentos a serem empregados e para avaliar a eficácia dessas técnicas e procedimentos (DANNA; MATOS, 1982, p. 29).

Após a coleta de dados, todo o material foi agrupado em categorias por aproximação de respostas semelhantes. Para melhor mapear os dados obtidos, optou-se pela formação de três classes de dados, representando as três etapas da coleta.

O pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e na

das relações entre eles, especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.227).



2 MÉTODO

2.1 LOCAL

Este trabalho concretizou-se numa escola denominada SENAP, terceirizada por uma empresa do ramo alimentício da cidade de Marília (S.P.), contratada com o objetivo de criar oportunidades para funcionários concluírem o ensino fundamental. Localiza-se em instalação da referida empresa, ao lado da unidade fabril, designada para o setor de seleção e treinamento. Trata-se de um galpão com várias salas e um espaço central livre. As salas existentes foram mobiliadas para as funções de salas de aula, biblioteca, escritório, diretoria, cozinha.

A referida escola foi escolhida pelo motivo de educar exclusivamente adultos trabalhadores e estar relacionada com uma empresa contratante, pois os alunos levam tendências da filosofia do local de trabalho para a sala de aula; acredita-se que para o estudo dessa temática essas características sejam relevantes.

O SENAP apresenta características *sui generis*, pois se trata de uma escola itinerante, localizando-se perto do contratante, com o objetivo de facilitar a locomoção e horário de estudo para os estudantes. A distribuição das aulas entre as professoras é realizada de forma democrática, levando em

consideração a renda familiar e a disponibilidade de horário de cada membro do corpo docente.

Como proposta pedagógica apóia-se no sócio-construtivismo e como prática educativa trabalha muito com projetos, planejados e executados com a opinião e participação ativa dos alunos, sempre vinculando-os ao conteúdo proposto pelos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais. Os resultados da aprendizagem são relatados à empresa contratante através de relatos verbais realizados em reuniões com a diretora do SENAP e a equipe do setor de recursos humanos da empresa contratante.

Quando os alunos ingressam na escola, é realizada uma avaliação do nível de aprendizagem de cada um, e são planejadas aulas de aceleração em classes multisseriadas, tendo como duração um ano letivo; isso ocorreu durante o ano de 1999. Posteriormente os alunos são divididos por termos, cada qual com a duração de 6 meses, conforme o nível de aprendizagem. Os termos são dispostos da seguinte maneira:



Tabela 1 - Divisão dos termos e séries correspondentes

Termos:	Série Correspondente:	Ano 2000:
T5	5ª série inicial	Inativo
T6	5ª série final	Inativo
T7	6ª série	Inativo
T8	7ª série	Ativo
T9	8ª série inicial	Ativo
T10	8ª série final	Ativo

A coleta de dados foi realizada no ano letivo de 2000, essa tabela corresponde às classes que estavam sendo oferecidas vagas. No momento da coleta, os alunos já tinham passado pelas classes de aceleração, e cada qual estava matriculado em série respectiva ao seu nível de aprendizagem. Os termos T5, T6 e T7, não tinham alunos matriculados, apenas havia alunos cursando os últimos termos, correspondentes às 7ª e 8ª série. No caso dessa empresa contratante, considerando que o contrato era para regularizar alunos de apenas um turno no ensino fundamental, a permanência da escola na empresa estava calculada para 3 anos letivos – 1999 até 2001 – sendo que os alunos, no momento da coleta, cursavam a 8ª série e concluiriam o ensino fundamental, deixando a escola antes do término do contrato. A última turma a concluir os estudos seria a turma do T8, referente à 7ª série, em 2001.

2.2 MATERIAL

O material utilizado para a presente pesquisa constituiu-se de:

1- Questionário estruturado, com perguntas e com alternativas de escolha de respostas para assinalar, aplicado com o grupo de sujeitos composto pelos alunos-trabalhadores. As questões elaboradas foram relacionadas com a escolaridade evadida¹ da escola e incluindo questões sobre série freqüentada atualmente, faixa etária, motivo pelo qual se deu o retorno aos estudos, quem incentivou tal retorno, matéria que acredita auxiliar mais no cotidiano do trabalho, dificuldades encontradas na empresa, pretensão de continuar os estudos no ensino médio, dificuldades encontradas no processo educativo.(Anexo 1)

2- Roteiro de entrevista semi-estruturado, com perguntas abertas, sem alternativas de escolha de resposta, realizadas com o corpo docente. As questões foram elaboradas versando sobre: formação acadêmica, tempo de docência, matéria(s) lecionada(s) na referida escola, como acreditam auxiliar os seus alunos na formação profissional e pessoal, interesse nas aulas

¹ Escolaridade evadida: Trata-se da última série freqüentada no ensino regular.



por parte dos adultos, se o retorno à educação foi uma decisão dos alunos ou da empresa. (Anexo 2)

3- PROAT – Protocolo de Registro de Observação do Aluno-trabalhador. Esse instrumento foi utilizado para anotações das sessões de observação realizadas em sala de aula, no grupo do termo 10. Os comportamentos observados foram transformados em siglas com duas letras que representavam as atitudes dos alunos e do professor em sala de aula. A tabela foi dividida verticalmente compondo os comportamentos dos alunos e dos professores, e horizontalmente apresentando o tempo de observação, sendo cada linha representada por 1 minuto, e em cada registro totalizando 5 minutos. (Anexo 3)

2.3 SUJEITOS

Os sujeitos desta pesquisa dividem-se em três grupos:

1º grupo: Composto por alunos-trabalhadores matriculados no SENAP no T8, T9 e T10;

2º grupo: Corpo docente;



3º grupo: Termo 10 (referente à 8ª série final) e seus respectivos professores.

1- O primeiro grupo de sujeitos é representado por alunos-trabalhadores, num total de 40 alunos, cursando termos referentes à 7ª e 8ª séries. No momento da coleta de dados, trabalhou-se com uma amostra de 36 alunos.

Os alunos são também funcionários da empresa contratante e sua faixa etária varia de 23 a 49 anos de idade. Constituem parte do 2º turno de trabalho da empresa, ou seja, iniciam suas atividades às 14:00 horas e terminam às 23:30 horas, com intervalo de 1:00 hora para o jantar e não haviam completado o ensino fundamental. Apresentam-se em uma porcentagem de 27,78 % homens e 72,22 % mulheres. A distribuição percentual da faixa em que os alunos relatam ter interrompido os estudos apresenta o seguinte perfil:

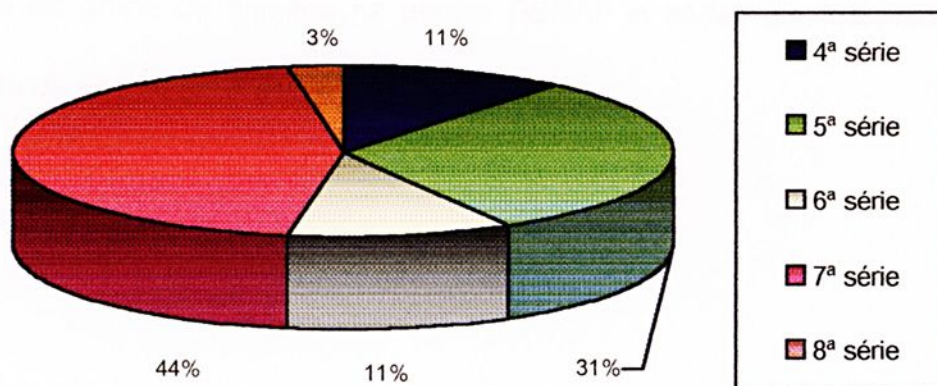


Figura 1- Escolaridade dos alunos-trabalhadores ao reiniciar os estudos

Pode-se perceber que a evasão ocorre nas séries intermediárias do ensino fundamental: 4ª, 5ª, 6ª, e 7ª séries. Algumas causas se apresentam como evidentes para a evasão na 5ª série: mudança da organização disciplinar, até então apenas um professor para todas as matérias, passando para um professor para cada matéria. Na 7ª série: entrada em mercado de trabalho, acúmulo de repetências, ocasionando a quebra da relação prevista idade/série (desajuste do grupo); perda de interesse pela escola pela falta de contextualização na realidade do aluno. Muitos são do curso noturno, o que pode agravar o problema.

Essa figura representa a realidade dos alunos no instante de ingresso na escola. Porém, foram realizados exames para um diagnóstico pedagógico e os alunos foram distribuídos em classes de aceleração para melhor atendimento do ritmo de aprendizagem de cada um. Após este processo os alunos foram classificados em termos de acordo com o aproveitamento pedagógico. A situação do grupo de sujeitos na escola SENAP e séries que freqüentam no esquema da escola constam, a seguir, na figura 2:



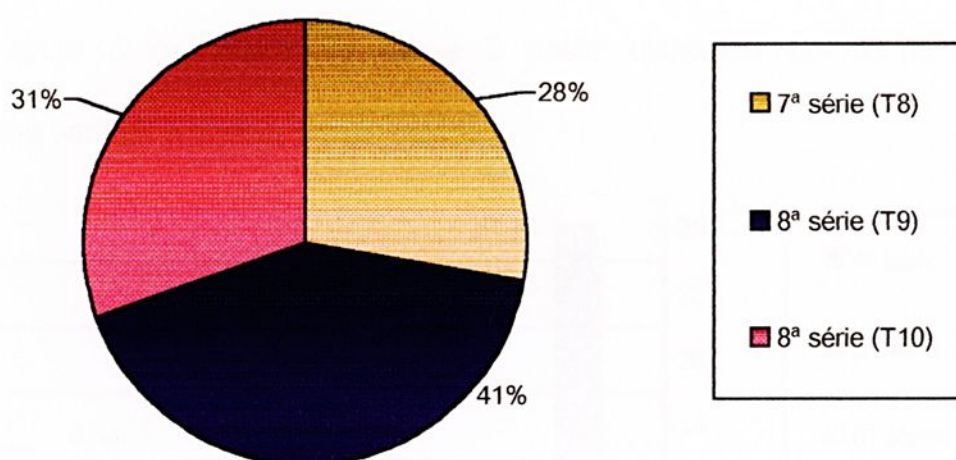


Figura 2 - Série freqüentada no momento da coleta (2º semestre de 2000).

Como no ano de 1999 os alunos participaram das classes de aceleração, a série em que o aluno abandonou os estudos não representa a série em que está matriculado no momento. Alunos que estão no mesmo termo tem diferentes históricos escolares, cada qual abandonou a escola em uma série e possui um desenvolvimento cognitivo particular, como está representado na tabela 2:

Tabela 2 – Classificação dos alunos por termos, após classes de aceleração:

	T8	T9	T10	Total
4ª série	2	2	0	4
5ª série	4	6	1	11
6ª série	0	4	0	4
7ª série	3	3	10	16
8ª série	1	0	0	1
Total	10	15	11	36

Na figura 3 os dados da tabela 2 estão dispostos em forma de porcentagens para uma melhor visualização:

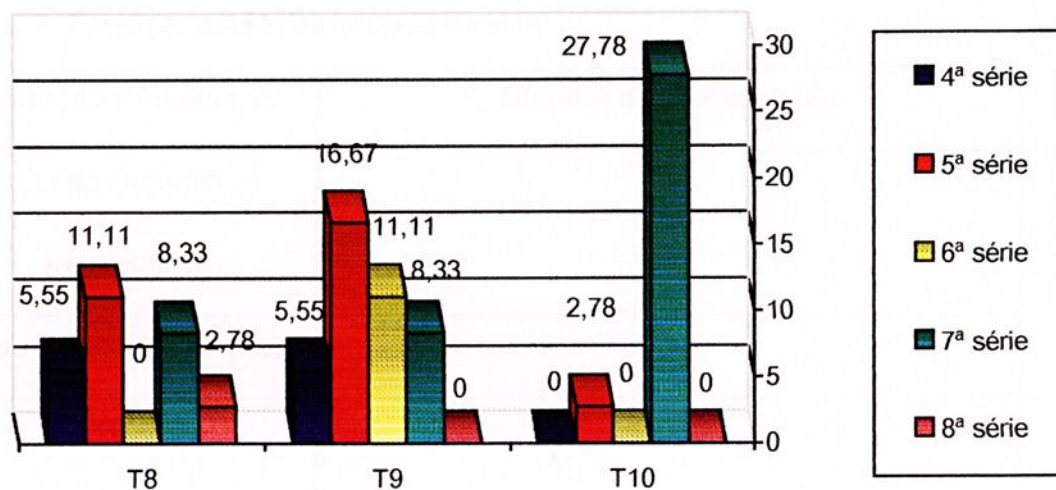


Figura 3- Classificação dos alunos após as classes de aceleração

Analisando esta figura pode-se observar que alunos da mesma série de abandono da escola, não estão necessariamente cursando o mesmo termo, e alunos quem cursam o mesmo termo completaram séries diferentes quando estudavam.

2- O segundo grupo de sujeitos foi constituído pelo corpo docente da referida escola, totalizando o número de 07 professores. Cabe ressaltar que, nos resultados, as letras que serão utilizadas para identificar esse grupo, não apresentam semelhanças com os seus nomes verdadeiros; estes foram colocados em ordem alfabética e denominados com as letras iniciais do

alfabeto. Esse grupo caracteriza-se por ser 100% do sexo feminino, e a formação acadêmica se apresenta conforme a tabela a seguir:

Tabela 3 -Formação acadêmica do corpo docente

Formação Acadêmica:	Número de Professoras:
Curso Superior Incompleto	1
Curso Superior Completo	3
Curso de Especialização(Lato Sensu)	1
Mestre em Educação	2
Total	7

A tabela 4 mostra o mapa das relações aulas/professoras no momento da coleta de dados, divididas por termos:

Tabela 4 - A distribuição das aulas no momento da coleta estava da seguinte maneira:

	Matemática	L.Portuguesa	Ciências	História	Geografia	Economia	Inglês
T8	Prof. D	Prof. B	Prof. G	Prof. G	Prof. D	Prof. D	Prof. B
T9	Prof. A	Prof. B	Prof. G	Prof. F	Prof. F	Prof. F	Prof. B
T10	Prof. A	Prof. E	Prof. D	Prof. F	Prof. F	Prof. F	Prof.C

3- O terceiro grupo de sujeitos faz parte do último termo, ou seja, 10º termo, correspondente à 8ª série final, constituído de 11 alunos-trabalhadores e 5 professoras. Esse termo foi escolhido para observação, porque se acredita que, por ser a última etapa e estarem mais próximos da formatura e encerramento das atividades do ensino fundamental, esses alunos estariam mais empolgados com os estudos do que o restante.

2.4 PROCEDIMENTO

A coleta de dados foi realizada em três etapas distintas, com os três grupos de sujeitos utilizados para a pesquisa, no 2º semestre do ano letivo de 2000.

A primeira etapa da coleta de dados foi realizada com o grupo de sujeitos composto pelos alunos-trabalhadores. Trabalhou-se com todos os alunos ao mesmo tempo, na parte central da escola (pátio). Foram distribuídos os questionários (anexo 1) e realizada uma leitura do instrumento, por parte da pesquisadora. Logo após foram esclarecidas as instruções para o preenchimento do instrumento (sendo necessários os dados pessoais) e explicada que a primeira questão comportava assinalar quantas respostas fossem satisfatórias, e as restantes, apenas uma alternativa deveria ser assinalada.

Do total de 40 (quarenta) alunos matriculados no SENAP, no momento da coleta de dados compareceram 36 (trinta e seis), sendo esse o grupo de sujeitos para o presente estudo. Houve instantes de questionamento, por parte dos alunos, sobre o envolvimento da empresa na pesquisa. Após esclarecimentos, por parte da pesquisadora, de que não havia ligação com a empresa, de que o questionário fazia parte de um estudo para a Universidade – UNESP – com o



consentimento do SENAP, e que a escola teria liberdade de atuação, independente da empresa, responderam as questões.

A segunda etapa da coleta de dados foi realizada com o grupo de sujeitos composto pelo corpo docente do SENAP. Foram feitas entrevistas a partir de um roteiro pré-elaborado (anexo 2), conduzido individualmente, na sala da biblioteca, com a presença da pesquisadora e do entrevistado, em horários disponíveis, alternado entre *janelas de aulas* dos professores e entrada e término das aulas. As entrevistas totalizaram um número de 7 (sete), abrangendo o quadro docente total. Com o consentimento dos professores, os dados foram gravados e depois transcritos na íntegra.

A terceira etapa da coleta de dados foi com o grupo de sujeitos composto pelos alunos do termo 10, totalizando 11 (onze) trabalhadores e 5 (cinco) professores – a professora “F” lecionava 3 (três) matérias neste termo (tabela 4) – realizando-se sessões de observação durante as aulas. Tais sessões foram registradas no Protocolo de Observação de Alunos Trabalhadores – PROAT (anexo 3), sendo 2 por matéria, somando 14 sessões. A pesquisadora permaneceu 20 minutos na sala de aula, sendo anotados apenas 5 minutos para o presente estudo.

A observação é um instrumento de coleta de dados que permite a socialização e conseqüentemente a avaliação do trabalho do cientista. Através da observação sistemática do comportamento dos organismos,



em situação natural ou de laboratório, os pesquisadores têm conseguido identificar algumas das relações existentes entre o comportamento e certas circunstâncias ambientais (DANNA; MATOS, 1982; p. 28).

Os dados coletados nesta fase serão complementares, pois representam apenas um recorte da realidade educativa, frente aos depoimentos do educador e do educando. Agora, trata-se da prática em si, sem testemunhos ou opiniões, mas sim momentos desse universo em que se mesclam conflitos com o mercado de trabalho e ações educativas voltadas para as questões operárias.

A observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas. Sem alongar inutilmente essa lista, convenhamos que, em nossas atividades cotidianas, não há quase exemplos que não deixem espaço à observação (LAVILLE; DIONNE, 1999; p. 176).

A primeira classe de dados, referente à primeira etapa da coleta com o grupo de sujeitos composto pelos alunos, estabeleceu-se como: *Retorno à escola*. Essa classe de dados inclui os principais motivos para retornar aos estudos e modificações percebidos após tal comportamento. Tem como foco principal a percepção dos trabalhadores sobre o significado que os estudos acarretaram no seu dia-a-dia operário.



A segunda classe de dados é referente à coleta realizada com o corpo docente, intitulada: *Educar para o trabalho*. Reunindo situações vivenciadas na educação de adultos relacionando com a qualificação profissional, cidadania ou mera formalidade burocrática. Nessa fase não há dados quantitativos, que aparecerão no decorrer da dissertação através de fragmentos de relatos transcritos das falas do corpo docente, recortados do contexto da entrevista.

A terceira classe de dados consiste na etapa de observações em sala de aula, incluindo comportamentos identificando a relação trabalho x educação. Essa classe foi analisada com a intenção de complementar os outros dados coletados, pelo motivo de serem poucas sessões de observações, e cada uma com pouco tempo de duração. Para cada matéria foram observados apenas dez minutos, o que leva à suposição de que retrata apenas um recorte da realidade pedagógica.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Primeira classe de dados:

Retorno à escola

Como questão central do trabalho, este item revela as opiniões sobre a temática, sob a ótica do trabalhador: como o adulto percebe toda essa mudança ocorrida em sua vida, como iniciou e que perspectivas obtém de todo processo educacional.

No momento da coleta de dados houve a percepção da pesquisadora de desconfiança por parte do grupo de sujeitos composto pelos alunos, sobre intenções do questionário, indagando a relação que tal instrumento teria com a empresa contratante. Portanto, será necessário levar em consideração tal variável, a desconfiança em relação às intenções do trabalho, porque poderá representar uma possível contaminação no momento de responder as perguntas requeridas.

Apesar do comportamento de retornar aos estudos, sofrer influências de determinações da empresa – para obter a certificação da ISO - não se pode negar que isso pode acarretar consequências agradáveis e propiciar o desenvolvimento do ser humano. Analisando esse aspecto sob a ótica dos dados colhidos no grupo de sujeitos composto pelos alunos, um dado relevante pode ser

percebido: todos os alunos são da opinião de que voltar a estudar propicia a aprendizagem, motivo unânime entre eles para o retorno. Talvez, apesar de todo sentimento de repressão, os funcionários tenham buscado na situação a consequência positiva da empresa propiciar um desenvolvimento cognitivo." A organização deve prover condições que estimulem o indivíduo à auto-aperfeiçoar-se para melhor desempenhar suas atribuições e para assumir postos de maior responsabilidade" (LOPES, 1980, p. 12).

A figura 4 representa as respostas da pergunta número 1 do questionário realizado com o grupo de sujeitos do trabalho.

Essa questão teve como objetivo investigar o motivo ou os motivos que levaram os adultos a retornarem aos estudos. Foi dada como orientação para preenchimento do instrumento no momento da coleta de dados a opção de mais de uma única resposta, e até, se necessário, todas as alternativas apresentadas, pois uma resposta não descarta outra e, em alguns casos, podem se complementar.



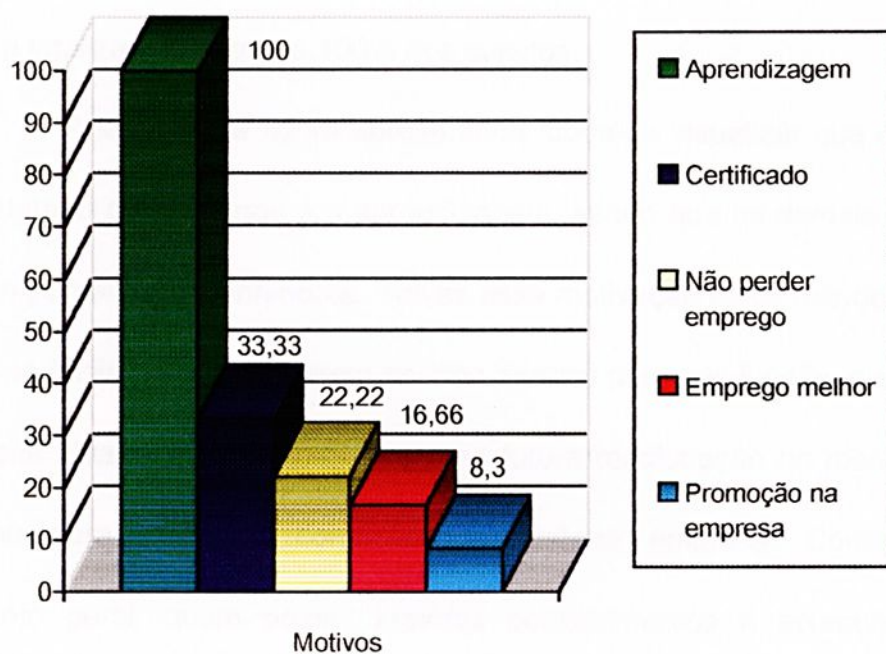


Figura 4 -Motivação para os estudos

Questão 1- O principal motivo da sua volta à escola foi:

- () para não perder o seu emprego
- () conseguir um emprego melhor
- () aprender mais do que você sabe
- () obter um certificado de ensino fundamental(1º grau)
- () conseguir uma promoção dentro da própria empresa.

Nessa questão os sujeitos (alunos-trabalhadores) responderam quantas respostas fossem necessárias para descrever suas opiniões, de modo que a soma totaliza mais do que 100% dos sujeitos.

Analisando a figura apresentada, pode-se visualizar que o motivo principal relatado pelos alunos é a aprendizagem, sendo que os demais motivos apresentam porcentagens inferiores. Talvez essa motivação pelos estudos esteja alicerçada na ânsia para qualificarem-se, não apenas para sua função, e sim para a sua própria vida e, quem sabe, para uma futura recolocação no mercado de trabalho ou para melhores condições na própria empresa. Como é de conhecimento geral, quem possui maiores conhecimentos e acumula maior número de certificados, está à frente na batalha do emprego. Na figura, pode-se observar que 100% dos alunos responderam que o motivo do retorno foi aprendizagem. A segunda resposta mais incidente foi o interesse pelo certificado do ensino fundamental, apresentado por uma porcentagem de 33,33% , seguido pelo motivo de não perder o emprego com índice de 22,22%. Essas duas últimas categorias de respostas estão inter-relacionadas, pois o interesse pelo certificado é a condição necessária para manutenção no seu emprego na fábrica, pois “ não é o desemprego em si que é nefasto, mas o sofrimento que o gera” . (FORRESTER, 1997, p.10) Uma porcentagem de 16,66% respondeu que anseia, através dos estudos, um emprego melhor e, a menor frequência de respostas, 8,3%, tem uma perspectiva de se promover na própria empresa em que trabalha.

Portanto, apesar da empresa patrocinar os estudos para uma parcela dos funcionários, estes não têm perspectiva de crescimento profissional em sua organização; os anseios permeiam mais intensamente os aspectos educacionais – aprendizagem e certificado – porque é para a vida toda.

Os alunos, concluindo o ensino fundamental, mesmo que não consigam permanecer na empresa, terão uma perspectiva de futuro e com maior probabilidade de uma recolocação, sabendo que, em uma seleção de pessoal, o documento escolar é um requisito de peso altíssimo. Segundo uma visão capitalista:

O verdadeiro significado da educação, para os economistas filantropos, é a formação de cada operário no maior número possível de atividades industriais, de tal sorte que se é despedido de um trabalho pelo emprego de uma máquina nova, ou por uma mudança na divisão do trabalho, possa encontrar uma colocação mais facilmente (MARX, 1983, p. 81).

Talvez por essa afirmação de Marx, os trabalhadores motivam-se a aprender, alcançar um patamar mais elevado de intelectualização e facilidade na resolução de problemas cotidianos. O operário, sentindo-se pressionado e ameaçado pela situação periclitante do mercado de trabalho mundial, acompanha o ritmo acelerado de informações e crescimento técnico.

[...]as relações concretas de produção vão lhe ensinando a perceber sua condição de exploração e os modos de enfrentá-las. Assim, ele vai

elaborando um saber que se caracteriza como um conjunto de explicações e de formas de ação que lhe permitem enfrentar ou escapar do controle do capital, com os modos de disciplinamento que lhe são próprios; aprende a se organizar, a sabotar, a dissimular, a reivindicar, e assim por diante (KUENZER, 1995, p.184).

Tal comportamento – aprender – propicia uma mudança no trabalhador, na visão que possui sobre suas potencialidades, em suas perspectivas futuras e em sua situação escolar e profissional. Coerentemente, o aluno retorna aos estudos, o que significa o caminho para a formalização do saber que a empresa requer; percebe o incentivo que o aprender pode lhe oferecer no mercado profissional e aumenta a sua autoconfiança, alicerçada em sua capacidade, em suas atitudes e em sua facilidade de resolver pendências. Como Skinner (1982, p.18-19):

A afirmação de que os behavioristas negam a existência de sentimentos, sensações, idéias e outros traços da vida mental precisa ser bem esclarecida. O behaviorismo metodológico e algumas versões do positivismo lógico excluíam os acontecimentos privados porque não era possível um acordo público acerca de sua validade. A introspecção não podia ser aceita como uma prática científica e a psicologia de gente como Wilhelm Wundt e Edward B. Titchener era atacada por isso. O behaviorismo radical, todavia, adotou uma linha diferente. Não nega a possibilidade de auto-observação ou do autoconhecimento ou sua possível utilidade, mas questiona a natureza daquilo que é sentido ou observado e, portanto, conhecido.

A figura 5 representa dados referentes à questão 2 do questionário com os alunos. Investiga a principal decisão para voltar a estudar.

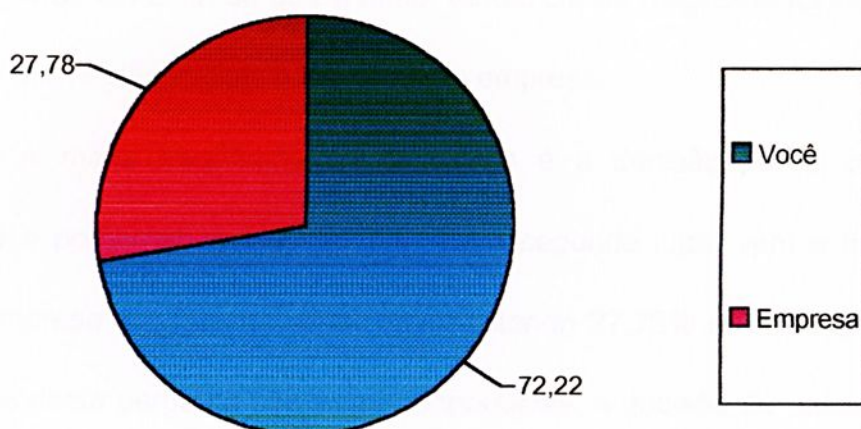


Figura 5 – Decisão do retorno aos estudos

Questão 2 - A decisão de retornar aos estudos surgiu principalmente:

- () de você mesmo
- () da empresa em que trabalha
- () de familiares
- () de amigos
- () da escola

Analisando tais dados, percebe-se que a decisão do comportamento aqui estudado – retornar aos estudos – divide-se em duas respostas principais: decisão própria do aluno e decisão gerada pela empresa em que trabalha. Ainda constata-se que a maior tendência de respostas foi incentivo próprio de retornar, e não iniciativa por parte da empresa.

A maior frequência de respostas é a decisão por si próprio, representando a porcentagem de 72,22%, e em segundo lugar vem a decisão partindo da empresa em que trabalha, representando 27,78% da totalidade. As demais opções desta pergunta não foram respondidas; a decisão de retornar por influência da família, amigos e da escola não tem representação.

O indivíduo manipula variáveis ao tomar uma decisão, porque se assim o fizer tem certas conseqüências reforçadoras. Uma dessas é simplesmente fugir da indecisão. As alternativas em conflito levam a uma oscilação entre formas incompletas de respostas as quais, ocupando boa parte do tempo do indivíduo, podem ser poderosamente aversivas (SKINNER, 1998, p.267).

Na figura 6 está representada a questão 8 do questionário, que investiga a intenção do aluno-trabalhador de dar continuidade aos seus estudos mesmo após concluir o ensino fundamental.

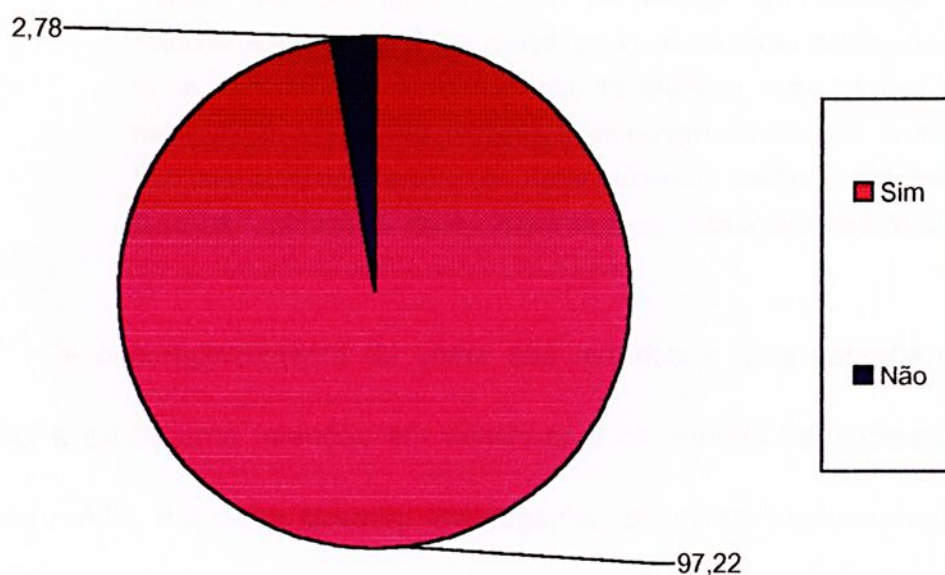


Figura 6 – Incentivo para continuar os estudos no ensino médio

Questão 8 - Você pretende continuar os seus estudos após terminar o ensino fundamental (1º grau)?

() sim

() não

Percebe-se na figura 6, que 97,22% dos sujeitos pretendem dar continuidade aos estudos após a conclusão do ensino fundamental e apenas 2,78% não têm pretensões futuras em relação aos estudos. Para a vitória da educação, a maior incidência de respostas foi continuação de estudos,

ingressando em um ensino médio, posteriormente à conclusão do ensino fundamental. Ainda como Skinner (1998, p. 250-251):

Quando o homem se controla, escolhe um curso de ação, pensa na solução de um problema, ou se reforça em aumentar o autoconhecimento, está se comportando. Controla-se precisamente como controlaria o comportamento de qualquer outro através de manipulação de variáveis das quais o comportamento é função. Ao fazer isso, seu comportamento é um objeto próprio da análise, e finalmente deve ser explicado por variáveis que se situam fora do próprio indivíduo.

Se o comportamento de voltar aos estudos é uma vontade do próprio sujeito, e se há uma intenção em continuar a caminhada pedagógica e fazer o ensino médio, em outra questão investigamos possíveis motivos desse comportamento, constituindo a pergunta de número nove, representado na figura 7. A maior incidência de respostas foi vontade de estudar, buscando uma formação melhor. A descoberta do conhecimento também foi uma resposta com índice de frequência relevante, pois quando os sujeitos propuseram a si mesmos os estudos, iniciaram uma caminhada em busca do conhecimento. Os funcionários, apesar de se comportarem dando indícios de incentivos com os estudos, acumulam em suas cargas horárias, mais duas horas diárias em suas jornadas de trabalho, ainda não considerando os momentos que precisam estudar em casa, o tempo despendido com trabalhos escolares e horas extras que a empresa de vez em quando pode solicitar.

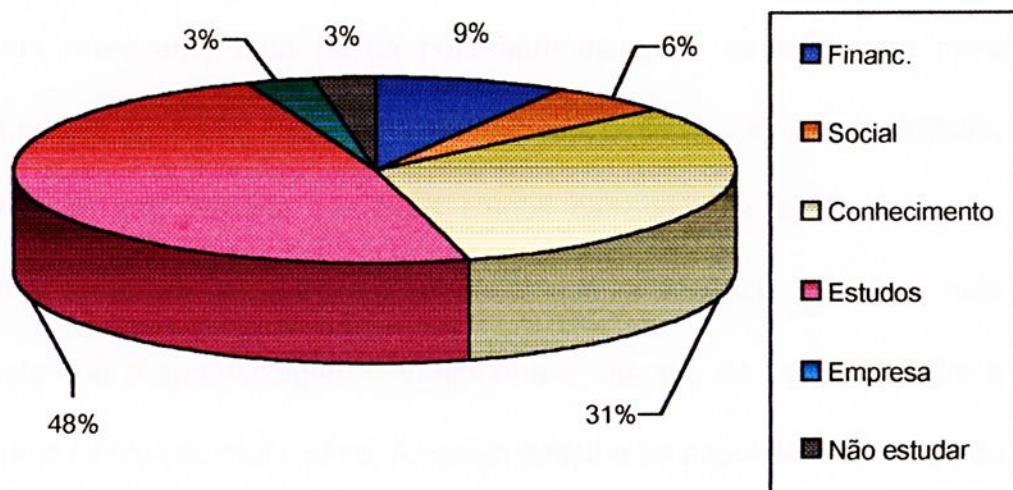


Figura 7 - Anseios na progressão dos estudos

Questão 9 - Se a sua resposta para a questão foi " sim" , procure

justificar:

() por questões financeiras (pode arrumar um trabalho melhor e

ganhar mais)

() reconhecimento social

() descoberta do conhecimento

() você se motivou a estudar

() outro. Citar.....

Novamente percebe-se a forte tendência da motivação pelos estudos representando 48% dos sujeitos estudados, tendo a aprendizagem como incentivo às novas aprendizagens, a uma escola aliada da sua batalha cotidiana

no mercado de trabalho. Ainda, 31% dos sujeitos responderam que optam por continuar os estudos por descobrirem o conhecimento, o que não se pode negar que também representa uma busca pela aprendizagem, também uma mola propulsora para o *aprender*. Pode ser uma resposta positiva à escola contratada, que, a partir de uma história que seus alunos carregam da escola aversiva, punitiva e de onde um dia evadiram, sofrendo com a ausência do saber, hoje resgata mais que a aprendizagem e transforma a imagem da escola, mostra o retrato de uma instituição motivadora. A escola passa a ter papel de um pedaço do caminho de várias conquistas e sucessos. A educação, de grande vilã e castradora, passa a ser a heroína principal deste episódio.

O comportamento, inicialmente recheado de regras rígidas e necessárias, começa a ter um sabor doce de conquista e compreensão da situação atual, desencadeando atitudes opcionais, de vontade própria e de busca de liberdade e vitórias. Seguindo o pensamento behaviorista:

Existe uma grande diferença entre o comportamento governado por regra e o modelado por contingência. O comportamento que tem sua origem atribuída ao conhecimento por compreensão (o produto de contingências imediatas de reforçamento) é muito mais efetivamente executado do que o conhecimento por descrição (SKINNER, 1995, p. 120).

Portanto, apesar das constatações feitas, os alunos relatam encontrar dificuldades em relação aos estudos, mesmo este sendo incentivador e

propiciando motivação para sua continuidade. A partir da questão número onze do questionário em discussão, foi pesquisada a maior dificuldade que os adultos encontram nos estudos e representado na figura 8:

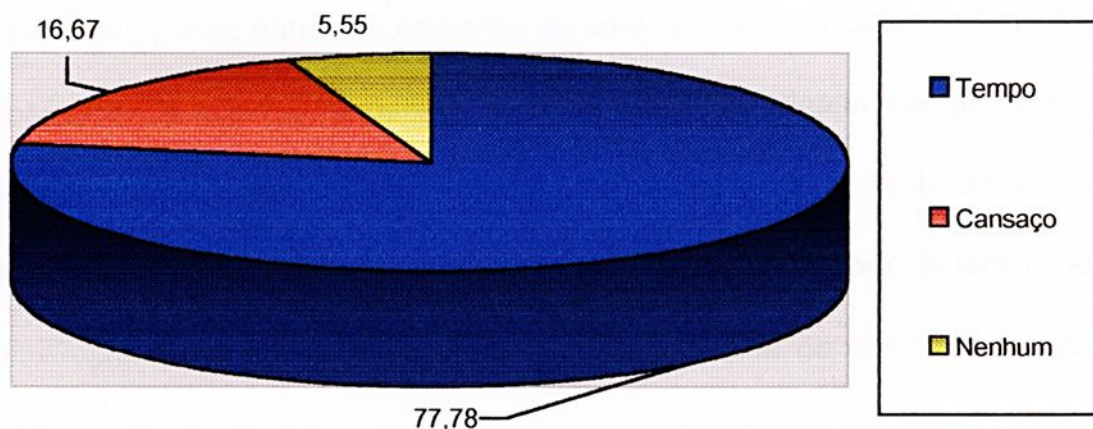


Figura 8 - Dificuldades nos estudos

Questão 11 - Qual a maior dificuldade que você encontra nos estudos?

- () não tem tempo para estudar em casa
- () compreensão em sala de aula
- () relacionamento com algum(s) professor(es)
- () cansaço por acúmulo de atividades
- () outro. Citar.....

Considerando os dados anteriormente representados, percebe-se que a maior dificuldade com os estudos é a falta de tempo, com uma porcentagem

de 77,78% dos sujeitos. A segunda dificuldade encontrada foi o cansaço, representando uma parcela de 16,67% dos alunos pesquisados. Ponderando que as duas respostas se complementam, somando uma porcentagem de 94% do total de alunos questionados, pode-se analisar esses dados pela variável dos sujeitos pesquisados, que se tratam de operários de uma fábrica, com carga horária pré-estabelecida. Os sujeitos freqüentam a escola antes de iniciarem a carga horária diária na empresa, chegam à escola às 11:45 horas e saem às 14:00 horas. Iniciam a jornada na fábrica às 14:30 horas, possuem uma hora de jantar (no próprio restaurante industrial, dentro da fábrica), a saída da fábrica ocorre às 23:30 horas. A este horário, soma-se a locomoção até a escola (de ônibus circular da cidade, pois como não é o horário de entrar no trabalho, não possui um ônibus da empresa neste horário), horas extras, às vezes necessárias, horários extras de estudos para trabalhos e leituras complementares. Ainda, em alguns casos, pode ser inserido neste tempo, um trabalho extra “ bico” e afazeres domésticos com a casa e a família. A resposta é plausível e sensata considerando todas as variáveis que permeiam a questão do tempo do operário brasileiro. A terceira incidência de resposta, representando 5,55% dos sujeitos, é de que nenhuma dificuldade é encontrada nos estudos. As duas questões, portanto, com nenhuma incidência de resposta, ocorreram em relação à compreensão em sala de aula e dificuldades de relacionamento com alguma professora da escola. Conclui-se que as dificuldades



que relatam encontrar, não são de ordem pedagógica, e sim de um perfil típico do trabalhador brasileiro.

Nesta etapa da pesquisa, analisaremos a aprendizagem dos alunos e o desenvolvimento que acreditam ter vivenciado. A intenção do trabalho permeia a idéia de que a aprendizagem leva ao desenvolvimento para os alunos, para a vida pessoal, com tendência à cidadania ou para a vida profissional dos alunos. Acredita-se que, depois de todo quadro disposto e discutido, a educação representou o início de novos comportamentos, novas ideologias. Mas os problemas enfrentados dentro do ambiente de trabalho são reais e não desaparecem como em um conto de fadas, eles são apenas melhor administrados, encarados com maior sensatez e maturidade.

A figura que segue (figura 9), expõe as respostas da questão dez onde se investigou as dificuldades que os sujeitos, enquanto funcionários, encontram no seu cotidiano na fábrica.

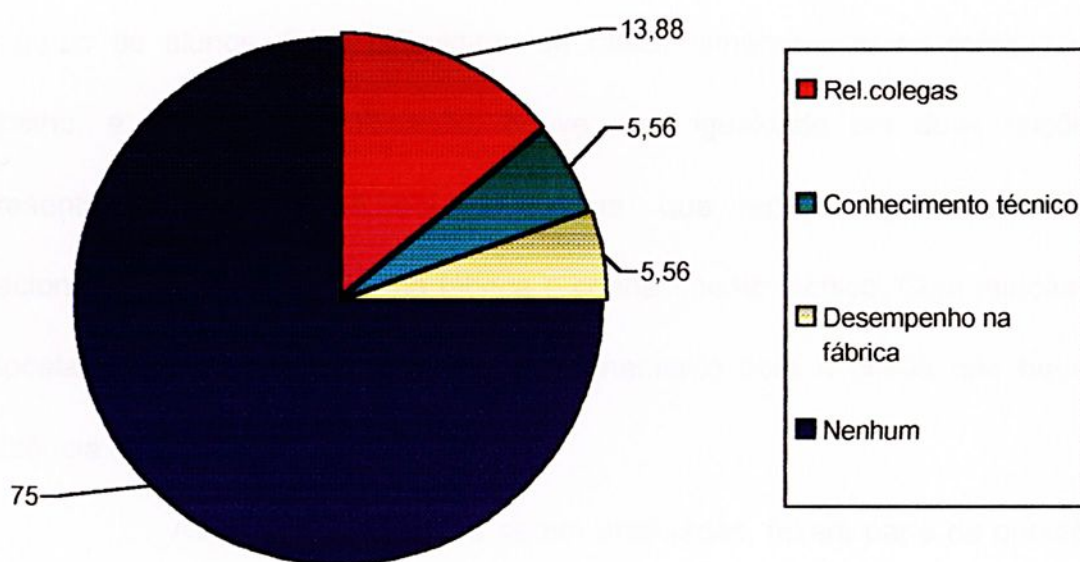


Figura 9 - Dificuldades encontradas no trabalho

Questão 10- Quais suas maiores dificuldades encontradas no

trabalho?

- () nos relacionamentos com os colegas
- () no relacionamento com o seu chefe
- () conhecimento insuficiente para exercer o seu cargo
- () no seu próprio desempenho
- () outro. Citar.....

Percebe-se que a postura do trabalhador, quando a questão é sobre as dificuldades encontradas no trabalho, apresenta um alto índice de respostas negando qualquer tipo de dificuldade, totalizando 75% dos sujeitos. A segunda colocação, ainda nesta questão, que representou 13,88% da totalidade

do grupo de alunos, foi a dificuldade de relacionamento com os colegas de trabalho, e na terceira colocação, houve uma igualdade em duas opções apresentadas possuindo 5,56% cada uma, que representam dificuldades relacionadas ao desempenho na fábrica e conhecimento técnico. Com relação à resposta que traduz dificuldades de relacionamento com a chefia não houve incidência de respostas.

As próximas figuras a serem analisadas, fazem parte da questão central do trabalho, momento em que o aluno-trabalhador procura descobrir-se, a partir das informações que está recebendo na escola, existe e auxilie o seu cotidiano operário.

A figura 10 procura representar a percepção do trabalhador sobre a mudança de comportamento que o retorno aos estudos pode ter provocado em seu interior. Sentimentos modificados dentro de cada sujeito em relação a si mesmos – a sua capacidade, seu modo de se perceber e se colocar para o mundo, de acreditar que é capaz de vencer.



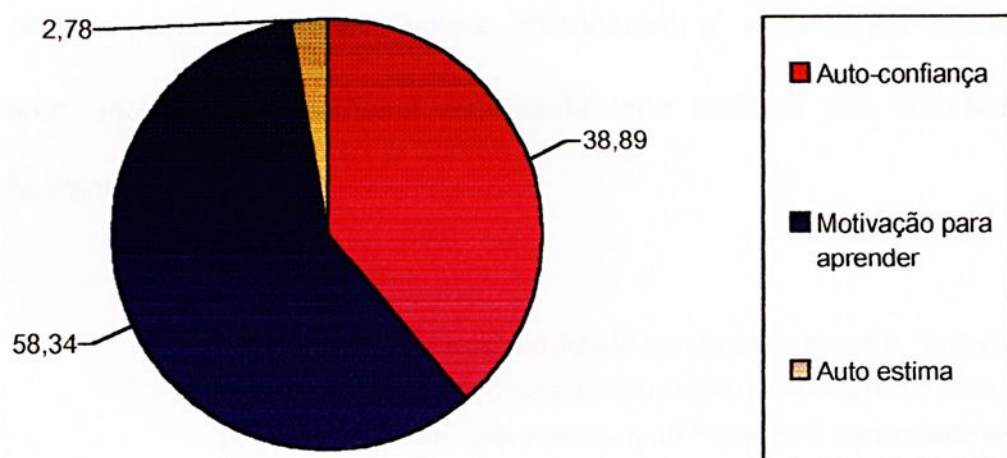


Figura 10 – Sentimento modificado após o retorno aos estudos.

Questão 5 - Qual sentimento você acha que se modificou para melhor após o retorno aos estudos?

- () segurança
- () gostar mais de você (auto-estima)
- () acreditar que você é capaz (autoconfiança)
- () motivação para aprender mais coisas novas
- () outro. Citar.....

A motivação por aprender obteve uma maior incidência de respostas, representando 58,34% dos sujeitos, o que evidencie a aprendizagem motivando novas aprendizagens. Outra resposta representativa foi o aumento da autoconfiança – 38,89% dos sujeitos acreditam que estão confiando mais em suas atitudes e em seus propósitos, após voltarem a estudar, o que, provavelmente, auxilia no cotidiano profissional. O aumento da auto-estima

também obteve uma freqüência de 2,78% dos sujeitos, que acreditam estar gostando mais de si próprios, talvez aprenderam a se amarem mais, se valorizarem mais, o que também representa uma melhora nas atitudes no cotidiano dentro da fábrica.

Estar consciente é reagir ao próprio comportamento verbal. Um indivíduo consciente é capaz de descrever seu próprio comportamento, e isto só é possível a partir de contingências promovidas pela comunidade verbal, isto é a consciência como produto social (TOURINHO, 1995, p. 15).

Percebe-se, portanto, até o momento, que a educação está tendo um papel importantíssimo na sociedade. As regras do capital estabeleceram o mínimo de educação e conhecimentos para produzir e trabalhar bem, com qualidade. A escola passou a ser mais um instrumento de apoio para o capital.

Queiramos ou não, estamos em plena era tecnológica [...]. A evidência histórica referente às relações entre educação e produtividade é incontornável. Predominam as altas tecnologias de produção e informação, e nenhum país se arrisca a entrar em competição por mercados internacionais sem haver estabelecido um sistema educacional onde toda a população, e não só a força de trabalho, tenha atingido no mínimo 8 a 10 séries de ensino de boa qualidade (IHL, 1992, p.5).

A questão emocional do indivíduo também está sendo de grande importância para o mundo capitalista. Pessoas necessitam ter autoconfiança,

acreditarem em seu poder, em sua capacidade. Os trabalhadores estabelecem metas para si, e a empresa se encarrega de impor regras e metas a serem cumpridas, e é necessário vencer, sempre vencer.

O autoconhecimento é de origem social. Só quando o mundo privado de uma pessoa se torna importante para os demais é que ele se torna importante para ele próprio. Ele então ingressa no controle do comportamento chamado conhecimento. Mas o autoconhecimento tem um valor especial para o próprio indivíduo. Uma pessoa que se " tornou consciente de si mesma" por meio de perguntas que lhe foram feitas está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento (SKINNER, 1982, p.31).

A palavra *sucesso* está cada vez mais nos murais, nas telas dos computadores, nas pautas e discussões de treinamentos empresariais, em temas de livros de auto-ajuda. O sucesso é ponto crucial para manter o emprego e a dignidade do trabalhador e, quando não se possui ferramenta essencial para alcançá-lo, as pessoas se tornam frustradas e acreditam não serem capazes de consegui-lo um dia. A conclusão do ensino fundamental, hoje em dia, é uma ferramenta para galgar maiores sucessos na vida de nossos sujeitos.

Quando, por fim, eu consigo romper o lacre de segurança de um vidro de remédio e digo ' Consegui! ' , eu estou relatando uma instância de comportamento. Se alguém me perguntar se eu posso colocar o lacre, e eu disser ' Acho que sim ' , eu estou fazendo uma predição baseada em sucessos passados ou então relatando a condição corporal deles resultante. Pessoas que não são bem sucedidas naquilo que fazem podem perder a fé em si mesmas, mas um conselheiro pode restaurá-la,

fazendo com que se lembrem de sucessos anteriores, restabelecendo assim, pelos menos em parte, o estado corporal que sentiram nessas situações. O modo mais efetivo de restaurar a crença em si mesmo é, com certeza, restabelecer os sucessos, talvez à custa de simplificar contingências de reforçamento. O efeito mais imediato do sucesso é freqüentemente chamado de autoconfiança (SKINNER, 1995, p.48-49).

Na figura 11 observamos as respostas relacionadas à questão 3 em que o trabalhador expõe o auxílio dos estudos nos seus relacionamentos, tanto pessoais, como profissionais.

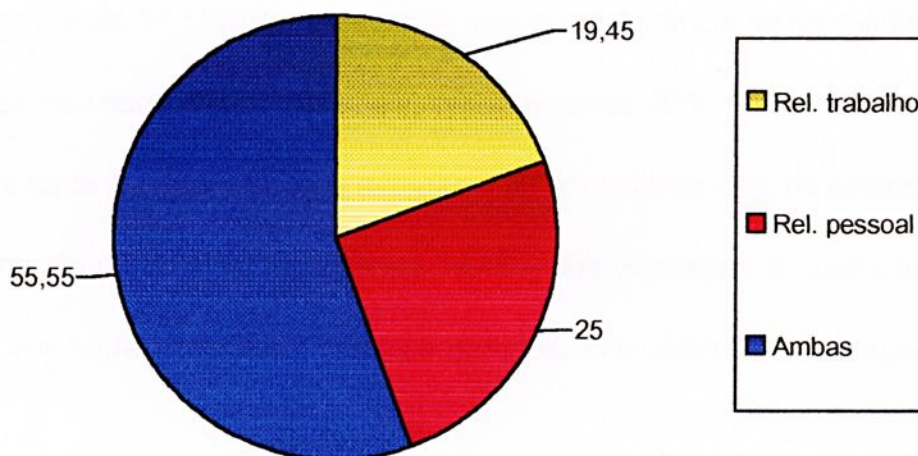


Figura 11 – Estudos auxiliando nas dificuldades do trabalho

Questão 3 - Até o momento, você acredita que os estudos o auxiliaram no cotidiano em que aspectos:

() relacionamento com as pessoas no seu trabalho

- () relacionamento com as pessoas na sua vida pessoal
- () ambas
- () em nada
- () outro. Citar.....

As respostas da figura 11, com representações do estudante e ensino fundamental, nos revela que a maior incidência de resposta foi relacionada com dificuldades minimizadas pelos estudos nos relacionamentos pessoais e de trabalho, totalizando 55,55% dos sujeitos. A segunda frequência de respostas foi a melhoria nos relacionamentos pessoais, representando 25% do total; a terceira frequência aponta a dificuldade que acreditam ter minimizado com os estudos, foi o relacionamento no trabalho, totalizando 19,45% das respostas. A quarta opção, que supõe em nada a melhoria após os estudos, não obteve porcentagem de respostas.

Sob outra ótica da questão, investigou-se prováveis mudanças que aconteceram após o ingresso na educação. Na questão 6, foi investigado se o trabalhador percebeu alguma mudança no seu cotidiano profissional após ter retornado aos estudos; não está representada em figura, pois a incidência de resposta foi de 100% para “ sim” . Para complementar a questão 6, na questão sete se investigam as mudanças não percebidas pelo nosso sujeito, mas



concretizadas por parte da empresa, em forma de benefícios, elogios, remuneração, ou outra manifestação, como poderemos visualizar na figura 12:

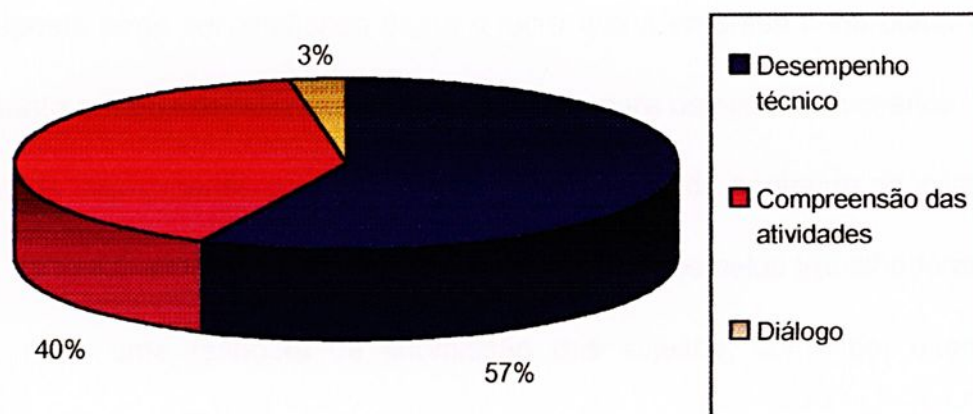


Figura 12 - Benefícios agregados após estudos²

Questão 7 - Se a resposta na questão 6 foi " sim" , assinale onde você detectou as maiores mudanças:

- () você recebeu uma promoção de cargo
- () aumentou o seu salário
- () melhorou o seu desempenho
- () compreensão das suas atividades diárias
- () outro. Citar.....³

² Na figura 12, apenas 35 sujeitos representam 100%, pela razão que um sujeito respondeu todas as alternativas, ver análise que segue.

³ No espaço pontilhado foi manuscrita a resposta 'diálogo' pelos sujeitos, representados por 3% de porcentagem na figura 12.

A maior tendência de respostas foi na melhoria do desempenho durante o trabalho, que provavelmente reverteu tal comportamento em maior produtividade para a indústria, representando a porcentagem de 57% dos sujeitos. Esta resposta pode ser analisada como o lucro que a empresa tinha como meta no momento em que decidiu financiar a educação para os seus funcionários. Este aumento de desempenho pode ter como causa, o próprio conteúdo do currículo escolar, os sentimentos de estima e confiança alcançados pelos trabalhadores, ou mesmo, mais uma resposta de submissão dos sujeitos, como por exemplo: “ valeu a pena investir em mim, estou colaborando” .

Assim, a escola se lhes aparece como o local onde eles terão acesso ao saber social, a partir do que compreenderão melhor seu mundo, sua prática e melhorarão suas condições de vida. Apesar de suas limitações, a escola se constitui, portanto, como a alternativa da qual eles dispõem para superar os aspectos de parcialização e fragmentação do saber que elaboram com a prática (KUENZER, 1995, p.190).

Em segundo lugar a resposta com mais freqüência, com 40% da totalidade, foi a melhor compreensão das atividades diárias. Esta resposta representa uma aprendizagem em relação à compreensão anterior aos estudos, os funcionários podem ter assimilado melhor funcionamento de máquinas, processos produtivos e inúmeras novas aprendizagens, através de leituras e esclarecimentos na escola. Outra resposta que se apresentou, com a

porcentagem 3% foi o melhor diálogo dentro do âmbito profissional; essa resposta foi colocada na última lacuna, escrita no espaço em branco. A melhoria do diálogo também demonstra um reflexo da segurança que o indivíduo começou a possuir, a clareza de pensamento facilitando o diálogo.

Um sujeito da pesquisa respondeu todas as alternativas, pois, melhorando o seu desempenho técnico e compreendendo melhor suas atividades práticas, conseguiu uma promoção de cargo, e conseqüentemente, o aumento salarial.

Como a maior incidência de respostas foi relacionada com o desempenho dos funcionários, se teoriza tal fenômeno:

O desempenho depende não apenas da quantidade de esforço exercido, mas também da capacidade das pessoas. Isto é, depende do conhecimento do trabalho, que executam e da habilidade para executá-lo, bem como na maneira pela qual percebem que papéis devem desempenhar. Em suma, embora um indivíduo exerça grande esforço, seu desempenho poderá ser insatisfatório, caso possua pouca dose de habilidade e/ou uma percepção inacurada de qual deve ser o seu papel (LOPES, 1980; p.52).



3.2 Segunda classe de dados:

Educar para o trabalho

Neste item serão analisados os dados obtidos através das entrevistas realizadas com o grupo de sujeitos composto pelo corpo docente do SENAP, portanto o teor dessa coleta foi resultante da amostra das verbalizações dos sujeitos.

A comunidade verbal pode recorrer a uma ampliação instrumental, como a da atividade dos músculos, e assim, num certo sentido, tornar público o comportamento encoberto e encorajar uma volta ao nível ostensivo, como quando se pede a uma pessoa que 'pense em voz alta' e ela não pode manter a precisão do comportamento encoberto. As palavras usadas para descrever o comportamento encoberto são palavras adquiridas por ocasião do comportamento público (SKINNER, 1982, p.28).

O primeiro foco a ser questionado nessa análise será a chegada dos trabalhadores à escola. O ingresso dos alunos na escola é um importante dado para esta pesquisa, considerando que a empresa custeia todo gasto despendido pela escola, inclusive a remuneração dos docentes.

Percebe-se, na questão presente, que a empresa, pressionada pelas exigências da ISO para possuir uma porcentagem de funcionários com ensino fundamental concluído para obter a certificação, repassa essa pressão

para os funcionários, o que os torna acuados com a situação. A empresa, talvez por facilidades financeiras e burocráticas, e para não desligar funcionários que estão habituados às atividades operacionais e realidade organizacional, resolveu patrocinar os estudos de uma parcela de seu quadro de pessoal, já que apenas um turno de trabalho teve tal oportunidade.

Para o funcionário que não possui a conclusão do ensino fundamental, sujeito a perder o seu emprego, e com consciência da dificuldade de uma recolocação, a empresa está oferecendo uma oportunidade, de modo que não se pode afirmar que o retorno aos estudos, por parte do empregado, constitui uma escolha totalmente livre, uma decisão pura e simplesmente espontânea e voluntária, mas sim consequência das mudanças nas relações de trabalho.

A luta do homem pela liberdade não se deve à vontade de ser livre, mas a certos processos de comportamentos característicos do organismo humano, cujo principal efeito é evitar ou fugir dos chamados aspectos 'adversos' do ambiente. As tecnologias física e biológica estiveram principalmente interessadas em estímulos adversos naturais; a luta pela liberdade está interessada em estímulos intencionais produzidos por indivíduos (SKINNER, 1973, p. 37).

Iniciaremos a discussão sobre os dados obtidos a partir dos depoimentos sob a ótica do corpo docente. Pode-se focalizar a atenção, primeiramente, no motivo do retorno aos estudos, mediante contratação da escola



por parte da empresa e verificando o comportamento dos alunos frente à nova situação. Segundo relatos proporcionados pelo corpo docente da escola, há uma incerteza nas opiniões sobre tal assunto.

A primeira análise consiste em esmiuçar os relatos que retratam o retorno dos alunos a partir de uma proposta *sugerida* pela empresa. São falas que não visualizam o retorno aos estudos como uma obrigatoriedade, e sim como uma proposta:

[...] Então a empresa oferece. E a gente sabe que quando a empresa oferece e você precisa, é lucro aceitar. E os alunos sabem disso também, mas a empresa faz um certo controle, quer saber como as coisas estão indo, está avaliando o trabalho também. Mas eu não percebo como uma obrigatoriedade. Mas ao mesmo tempo a empresa oferece e eles sabem que é bom aceitar (Professora A).

Estudando esse relato, percebe-se que a professora não comenta sobre uma imposição formal por parte da empresa, e sim como mais um *benefício* para sua clientela. Procura passar a imagem de que a empresa está sugerindo e não coagindo tal comportamento ao seu funcionário. Porém, no final da fala, se contradiz quando acha que é bom o funcionário aceitar tal oferta.

Existe uma proposta, um incentivo, mas eles têm a liberdade de escolha, eles podem escolher essa escola ou outra, e a gente percebe que os que estão aqui estão gostando (Professora G).

Nesta fala, quando a professora expõe sobre a escolha da escola, também há uma contradição, pois no início diz que é uma proposta, e depois relata que a liberdade está na escolha da escola em que deverá estudar. Pode-se, a partir dessa observação, analisar que a proposta da empresa é a escola contratada com algumas vantagens, como por exemplo: gratuidade, localização, horário; mas o retorno aos estudos passa a ser uma necessidade da realidade organizacional, tanto para os funcionários como para os alunos.

[...] foi uma iniciativa da empresa de abrir a escola, eles colocaram este horário para esta turma, mais prejudicada, que eles entram as duas e saem à meia noite, então não tem nenhum horário de escola que funcione de manhã, ou mesmo que funcione, eles estão cansados. Não foi imposto, foi voluntário: ' Ah! Vai ficar aberto, quem quiser estudar vai fazer' (Professora B).

Mais um relato que caracteriza a análise anterior: não foi uma imposição, mas uma oferta da empresa, que os funcionários *acataram*. Porém, há relatos que traduzem uma segunda situação de uma proposta amigável por parte da empresa, como o *xeque-mate* para os funcionários. A mesma professora " A" , que relatou sobre a proposta, conclui sua fala com outro ponto de vista:

Até mesmo porque nos meios legais me parece que a empresa não pode obrigar. Mas, também ela pode querer trocar todos os funcionários que não tiverem o 1º grau completo. Tem empresa que até o 2º grau está cobrando, de quem está ingressando, então eles sabem disso. É uma certa liberdade, só que eles sabem que é uma necessidade geral. Não

pra dizer que eles são totalmente livres. ‘ Ah! Não vou estudar, não quero e pronto!’ Porque este tipo de postura pode custar futuramente o emprego. Não porque não estudou na escola, mas porque não estudou em qualquer lugar (Professora A).

Como explanamos no início deste item, a empresa custeia toda despesa financeira que a escola ocasiona, inclusive a sua folha de pagamento com o corpo docente. As professoras trabalham diretamente com a escola, que atua como empresa contratada para oferecer serviço educacional. Entretanto, o corpo docente apresenta vários sintomas do comportamento dos funcionários diretos da empresa, em que não se fala da situação claramente, mas, revela nas entrelinhas, uma camuflagem, através de contradições. Fica claro o perigo que o trabalhador está prestes a sofrer no caso de um comportamento rebelde de não concluir os estudos, não na escola pesquisada, mas em qualquer outra escola.

O medo de um evento futuro pode ser originado por estímulos específicos que precederam eventos punitivos ou aspectos do ambiente geral nos quais os eventos ocorreram. A ansiedade pode variar em intensidade de um ligeiro aborrecimento até um terror extremo (SKINNER, 1998, p.394).

O comportamento de retornar aos estudos explica, por esse aspecto da questão, um receio da punição futura, no caso, o desemprego e suas conseqüências. Os funcionários, apesar disso, procuram representar uma certa liberdade no ato de voltar aos estudos, uma espécie de rompimento com o

comportamento dos membros da empresa - pressão para concluírem o ensino fundamental – e o controle. “ A luta pela liberdade está despreparada para o próximo passo, que não consistirá em libertar os homens do controle, mas sim em analisar ou modificar as espécies de controle a que se acham submetidos” (SKINNER, 1973, p. 37).

No depoimento a seguir, percebe-se uma verdade mais explícita, em que a própria professora confessa ter investigado os alunos no início das atividades pedagógicas, tornando mais clara a relação que a escola mantém com a empresa, e a decisão que os alunos tomaram frente ao momento do ingresso na escola:

Essa questão eu fiz no começo do ano, se eles estavam aqui por imposição da empresa só, ou se eles queriam. Então, grande parte, acho que 50 a 60 por cento, num primeiro momento diz que é porque a empresa estava fazendo tipo uma pressão por causa da ISO. Mas num primeiro momento a maioria vem. Eu não sei de nenhum que veio por livre e espontânea vontade. Então eu percebo que num primeiro momento, eles descobriram a escola a partir do momento que entraram aqui. No primeiro momento todos vieram por imposição (Professora F).

Ao serem entregues os questionários e instruída a maneira pela qual deveriam ser preenchidos, os trabalhadores apresentaram um comportamento verbal de receio, questionando o que a empresa estava querendo com tal instrumento e qual o motivo daquelas perguntas. Relataram também que

uma psicóloga da empresa estava realizando um trabalho de entrevista individual, contendo indagações semelhantes com o referido instrumento. Complementando esse fato, observe-se a fala de uma professora, durante a segunda fase de coleta desta pesquisa, caracterizando o ocorrido:

Você deve ter sentido. Eles ficaram na dúvida se as perguntas teriam alguma relação com a empresa. Então a empresa faz esse acompanhamento (Professora A).

Frente a tal comportamento, pode-se considerar e levantar a hipótese das respostas dos alunos terem uma certa *contaminação*, uma influência por motivo de pressão e questionamentos por parte da empresa.

O comportamento de um indivíduo é determinado pela situação. Inerente à situação são as forças sociais que conformam e determinam o comportamento em qualquer momento dado, embora se reconheça que a experiência prévia do indivíduo com situações semelhantes o predispõe a reagir de certas maneiras em face de circunstâncias particulares (LOPES, 1980, p. 123).

Ao mesmo tempo em que a empresa oferece uma oportunidade de conclusão de estudos para os seus funcionários, existe a cobrança do sucesso na escola e, também, uma avaliação de desempenho dentro da fábrica em relação às atividades operacionais e escolares. Pode ser motivador pelo fato dos alunos participarem da escola com compromisso de dedicação, mas por outro lado pode

ser negativo o comportamento de mais uma cobrança organizacional. Portanto, se o comportamento de retornar aos estudos foi determinado pela administração, o funcionário pode aproveitar esse momento criando oportunidades de crescimento pessoal e desenvolvimento cognitivo. Transformar os sentimentos de insegurança, de incertezas em confiança e auto-estima, que conseqüentemente, auxiliará no cotidiano profissional.

Na educação, na indústria, na psicoterapia e em muitos outros campos, encontramos técnicas que se destinam a criar reforçadores condicionados apropriados. O efeito de providenciar conseqüências imediatas e eficazes em que as conseqüências finais tardam é o de 'melhorar a moral', 'aumentar o interesse', 'evitar o desânimo' ou corrigir a condição de baixa freqüência do operante, que denominamos abulia, e assim por diante. Mais concretamente é induzir os estudantes a estudar, os empregados a irem ao trabalho, os pacientes a se comportarem de modo socialmente aceitável (SKINNER, 1998, p.85).

Talvez o sentimento de libertação possa impulsioná-los, ausência da pressão, ausência do fantasma do desemprego, ausência do sentimento da escola como uma vilã, e sua representação como uma aliada para o seu destino. O sentimento real de liberdade carrega consigo também o compromisso da responsabilidade sobre seu destino, de decisão de seu percurso futuro.

Existe uma tendência em substituir o controle pela responsabilidade, e o controle não é visto como uma propriedade do homem livre, pois se refere a condições externas. A afirmativa: 'um homem livre pode ser responsável por suas condutas' tem dois significados, dependendo do interesse: se na liberdade ou na responsabilidade. Se quisermos pessoas responsáveis, não podemos infringir sua liberdade, pois se não estiverem livres para a ação não poderão ser responsáveis (SKINNER, 1972a, p.57).

Ainda sob a ótica das professoras, foi discutida a motivação que os sujeitos desta pesquisa possuem para os estudos e a jornada de trabalho diária. O termo motivação, tecnicamente, pode ser reportado ao latim *movere*, que significa mover; no nosso estudo, mover através de comportamentos, atitudes.

A palavra *estudante* significa aquele que estuda. Se a raiz latina merece confiança, significa também todo aquele que é diligente e ansioso por aprender. Embora seja, às vezes, difícil de acreditar, muitos estudantes realmente estudam e alguns com ânsia e diligência (SKINNER, 1972b, p.137, grifo do autor).

A educação de adultos apresenta uma característica única e crucial que se constitui em traumas possivelmente vivenciados por alguns indivíduos na escola antiga, situações aversivas que os afastaram dos estudos, em sua infância, e podem ter anulado ou dificultado um possível retorno aos bancos escolares. Essa característica, que denigre a imagem da escola, afastando os alunos, transforma-a em uma instituição de amargas lembranças, por motivo de

punições físicas, conforme declarações do nosso grupo de sujeitos composto por professores:

[...] às vezes o medo de voltar [...] tem alunos que têm lembranças da escola tradicional e falam que a gente vai por no milho, vai dar castigo, chegaram a fazer essas perguntas pra gente (Professora E).

Inicialmente, isso pode ser obstáculo para a motivação em estudar novamente. Além disso, a escola agora se apresenta como algo imposto pelo mercado de trabalho, através de pressões e ameaças de desemprego, aliadas às lembranças do tempo da escola que não auxiliou positivamente na difícil decisão. O temor que possuem da escola antiga e a incerteza de como será vivenciar novamente os bancos escolares podem trazer sofrimentos e, novamente, insegurança frente à situação de retorno, como podemos analisar na fala da professora pesquisada:

A gente sabe que tem pessoas que tiveram traumas terríveis com matemática. Coisa de errar tabuada e levar reguada, coisas assim que fazem a pessoa falar: ' Humm, matemática?' (Professora A).

Experiências aversivas contradizem o objetivo educacional da instituição, que procura, constantemente, implementar teorias pedagógicas, no sentido de mitigar evasões dos bancos escolares. Historicamente, a essência da palavra escola tem um significado diverso da imposição, da tensão e da aversão:

A palavra *escola* provém do grego, de onde passou para o latim. Por mais surpreendente que possa parecer à maioria dos professores e dos estudantes, antigamente significava 'descanso' ou 'lazer'. Significava o que se fazia durante o lazer, isto é, conversar. Depois passou a significar o *lugar* onde se conversava e, quando a conversa tornou-se informal, passou a designar o lugar para aulas e discussões. Seu significado ainda é o lugar para se conversar. Mesmo quando os estudantes fazem outras coisas – pintar, fazer música, dançar, realizar experimentos científicos – a conversa é essencial. Uma escola de arte difere de um estúdio de artista, porque na escola fala-se sobre pintura (SKINNER, 1995, p.119, grifo do autor).

Durante todo o tempo de duração dessa pesquisa, os relatos dos docentes nos levam a refletir sobre uma provável *luta interna* para retornar à escola: de um lado o medo, as lembranças aversivas; de outro lado a necessidade, a falta de escolaridade ameaçando o emprego. Os sujeitos aqui estudados conseguiram vencer, pelo menos em grande parte, tal conflito e enfrentaram o medo; mas é válido pensar que muitos outros acabem por saborear amargamente o desemprego ou a opção do trabalho informal, por falta de coragem para enfrentamento do problema, através do retorno à escola.

A punição, uma forma padronizada de *suprimir* o comportamento, é quase sempre a única maneira que os animais têm de controlar-se uns aos outros, e nós retivemos boa parte dessa prática. Os governos usam a punição para suprimir o comportamento perturbador dos cidadãos e de outros governos. Porém a punição para o 'não estudar' é diferente. O objetivo é fortalecer o comportamento, não suprimi-lo. Os estímulos

aversivos são usados como reforçadores negativos. No entanto, dessa prática resultam os mesmos subprodutos. Se podem, os estudantes fogem para jogos de hóquei ou então para o sono, e contra-atacam vandalizando a escola e agredindo os professores (SKINNER, 1995, p. 121, grifo do autor).

Seguindo esse raciocínio, ainda podemos supor que os sujeitos deste estudo retornaram porque venceram uma batalha, mas que, também, sofreram pressões por parte da realidade empresarial. Como percebemos no início desta explanação sobre os resultados da investigação, a introdução da escola, dentro da empresa e no cotidiano dos funcionários, oscila entre opiniões divergentes de imposição e sugestão organizacional, que verdadeiramente constitui um quadro da crise social que o mundo vive.

O termo controle diz respeito, exclusivamente, às relações existentes entre comportamento e ambiente. É importante salientar que o termo controle – na acepção do Behaviorismo Radical – não denota e nem, em absoluto, recomenda práticas e/ou procedimentos coercitivos, muito embora possamos utilizar este termo na análise de práticas assim caracterizadas (LOPES JÚNIOR, 1994, p. 37).

O controle pode ser executado e mantido, não através de ameaças e imposições explícitas, leis rígidas, mas usadas de atitudes maquiadas e disfarçadas por detrás de conselhos, orientações ou apenas uma sugestão. De

qualquer maneira, foi exercido o controle sobre os sujeitos a terem um comportamento social desejado pela empresa e necessário nos dias atuais.

O controle exercido por orientações, conselhos, regras ou leis é mais ostensivo do que o exercido pelas próprias contingências, em parte porque é menos sutil, enquanto o outro, por isso mesmo parecia significar maior contribuição pessoal e valor interno. Fazer o bem porque se é reforçado pelo bem de outrem merece maior apreço do que fazer o bem porque a lei assim exige. No primeiro caso, a pessoa se sente bem disposta; no segundo, pode sentir pouco mais do que o medo de ser punida. A virtude cívica e a piedade são reservadas para aqueles que não se limitam a seguir regras. Este é necessariamente o caso quando as contingências tenham sido analisadas – quando, como na poesia e no misticismo, são consideradas inefáveis (SKINNER, 1982, p. 110).

Diante de todo o quadro da situação controladora exercida sobre os alunos, cabe à escola procurar um melhor caminho para se chegar à meta a ser atingida no final do processo – a conclusão do ensino fundamental. Mas, apenas a conclusão do curso não garante uma melhor formação para seus aprendizes, pois não é um percurso singular. A educação de jovens e adultos deve ser analisada como um processo de formação complexo, pois carrega o compromisso de encaminhar o educando para uma formação profissional, ao mesmo tempo que procura tomá-lo como cidadão consciente de suas atitudes. Além disso, e principalmente, deve ser capaz de reatar a paz entre ele e a educação.

A escola SENAP trabalha através de uma metodologia de projetos. Acredita-se que o conteúdo, inserido dentro de um contexto conhecido pelo aluno, facilita e motiva a aprendizagem, partindo do princípio de que o tema do projeto já é algo familiar e que tem um interesse real para a sua vida profissional e individual. Para verificar a adequação da metodologia à realidade onde se desenvolve, questionou-se o corpo docente sobre a motivação dos alunos durante as aulas, o interesse deles durante as explicações na sala, suas freqüências, participação ativa. Temos como testemunho:

[...] de forma geral, 80% deles curtem, porque a gente trabalha em forma de projeto; e é construído pelo professor e pelo aluno. Então quando a gente os insere em projetos, eles se envolvem naturalmente. Porque parte deles também, os interesses deles. O que eles querem aprender, é lógico que a gente cruza com aquilo que deve ser aprendido; mas dentro de um projeto tem muito mais significado (Professora E).

Tal relato retrata uma proposta pedagógica em que o aluno participa de decisões sobre como abordar o conteúdo, o que pode motivar mais o educando durante as aulas, pois ele planejou junto com o educador, aquele contexto faz parte de sua história. Quando algo faz parte de sua história, de seu interesse, isto é naturalmente inserido em sua vida, e acaba sendo motivador e interessante, ao contrário daquela escola que chega com conteúdos desconexos da realidade do aluno, e quando este atravessa os portões a caminho de casa ou

do trabalho, deixa-os na sala, pois não lhe ajudará em nada para a vida prática, com as exigências de nossos tempos. Mas, por outro lado, ainda sob a ótica dos docentes, acredita-se num incentivo próprio que o aluno, que traz consigo para as aulas:

[...] a gente nunca perde o fio da meada, porque isso é o que mantém o interesse, justamente a curiosidade deles; determinada por aquela postura de autovalorização que a escola conseqüentemente acaba proporcionando pro aluno (Professora C).

Acredita-se que essa curiosidade, que eles transportam para as aulas, acaba propiciando mais facilmente a motivação para aprender. Por motivo das experiências de vida, o comportamento de um adulto nas carteiras escolares difere do comportamento de uma criança. A história de fracassos ou de sucessos de um indivíduo adulto, as suas experiências como cidadão, a sua batalha diária por um lugar no mercado de trabalho ou pela ascensão social, motivam a progressão da aprendizagem, como se o indivíduo acreditasse e depositasse, nessa oportunidade, uma perspectiva de futuro, que talvez nunca teve antes ou que estava internalizada e não conseguia encontrar caminhos para sua concretização. Os estudos podem impulsionar o início de uma caminhada que eles não contavam continuar e, ao retornarem à escola, resgataram esse sentimento de novas conquistas.

Eu sinto um incentivo muito grande. Essa é a grande diferença do aluno normal de 15 anos, 12 anos com o adulto. O adulto tem uma vontade de aprender que dá gosto (Professora F).

A criança não possui a preocupação com essa perspectiva de futuro, relativa ao trabalho, profissão. Sonha com o futuro, imagina várias opções, mas ainda não tem muita noção de quão difícil será alcançar os seus sonhos, as suas aspirações. Muitas vezes, não acredita que os estudos podem, um dia, lhe fazer tanta falta e ser tão vital como os adultos sentem no dia-a-dia, na batalha pela vida.

[...] a gente percebe um interesse grande, até porque eles saem de casa mais cedo e vêm pra escola, saem daqui, vão trabalhar, e eles dão grandes contribuições, trazem exemplos, informações, materiais que contribuem com a aula (Professora G).

Mais uma vez, percebe-se o incentivo e o comprometimento que os alunos possuem com a escola e com os estudos. A escola pode se transformar numa forte aliada, trazendo-lhes informações importantes para as suas dúvidas no trabalho, livrando-os de questionar pessoas de dentro da fábrica e demonstra uma possível fragilidade. Ainda, a escola pode ter um papel de conciliadora do funcionário com a empresa, no sentido de provar o quanto são dedicados, como

se interessam por aprender, ou talvez, como podem *obedecer* a mais uma imposição organizacional.

A motivação também foi identificada pelas questões levantadas durante as aulas pelos sujeitos, mostrando o interesse real dos alunos pelos estudos. Perante os dados colhidos, através das entrevistas, com o grupo de sujeitos composto pelos docentes, percebe-se que os alunos realizam questões durante a aula com três características distintas:

1. Questões de caráter pessoal, relacionadas à vida particular;
2. Questões relacionadas com o cotidiano profissional e com a fábrica;
3. Questões de ordem social.

Segundo relatos obtidos durante a entrevista com os professores, acredita-se que muitos alunos apresentam e, conseqüentemente, tiram dúvidas, ou, ainda, criam uma relação do conteúdo pedagógico com a realidade deles:

[...] algumas vezes é para esclarecer a dúvida do filho em casa que estão aprendendo, então eles valorizam o que estão aprendendo e podem ensinar os filhos (Professora B).

Neste relato fica claro que os estudos estão sendo utilizados para questões familiares, envolvendo vários aspectos importantes. Um aspecto é a resolução de problemas, em uma dificuldade escolar do filho: o que antes não conseguiria ajudar, agora, com os estudos, esclarece dúvidas pedagógicas. Outro aspecto é o transmitir os valor dos estudos para seus filhos, conscientizando-os de que a falta de formação cognitiva acarreta déficits que precisam ser resgatados no futuro, incentivando a criança ou o jovem a não se evadir da escola. Um último aspecto a ser analisado é a questão da auto-estima que está sendo recuperada, o orgulho de poder auxiliar, de caminhar junto, sentir que é capaz de *ser* muito mais do que pensou ser.

[...] eles falaram: ' Mas espera aí, minha filha está entrando no colegial, ela está vendo isso agora' . Você já vai poder ajudar, ensinar. Então eles levam muito para família o que eles aprendem aqui (Professora E).

Esse é mais um depoimento em que se pode confirmar o sentimento de autoconfiança e auto-estima resgatadas. É óbvio que os pais poderão sentir-se mais úteis ajudando os filhos, ou, ao menos, entendendo aquilo que o filho está estudando na escola. Conhecer o conteúdo e auxiliar os filhos,

cursando o ensino fundamental, como também conseguir entender as atividades do filho que cursa o ensino médio não deixa de se apresentar como uma vitória.

Além de modificar sentimentos nos sujeitos, acredita-se que a educação também traz mudanças de ordem prática na vida particular. Quando o interno está sendo modificado, conseqüentemente, os comportamentos manifestos passam a mudar paralelamente. Nos momentos em que se necessita tomar atitudes de decisão, o indivíduo passa a sentir maior segurança em seus passos, confia mais em suas metas e reflexões. Há declarações constatando outros auxílios que os estudos vêm provocando nos alunos:

[...] as mulheres trazem problemas de casa, querem fazer um financiamento e querem saber como que aquela taxa de juros vai refletir no valor. Ou até mesmo as contas que eles vão pagar, então trazem problemas de casa (Professora A).

Neste caso, há uma confirmação de dificuldades encontradas no dia-a-dia em que os estudos estão diretamente relacionados. Sujeitos do sexo feminino trazem preocupações práticas e rotineiras de qualquer lar brasileiro. A disciplina matemática, no caso, auxilia na questão financeira do indivíduo, e novamente, na modificação de sentimentos; ao negociar algum contrato, ou mesmo uma compra simples, terá maior conhecimento para conseguir melhores

descontos, sentindo, assim, mais segurança e confiança em si mesmo no momento de negociar.

Pelos dados colhidos através dos docentes, percebe-se ganhos e aprendizagens adquiridas no âmbito profissional do sujeito. Entende-se que, se o comportamento de retornar aos estudos já é considerado, neste estudo de caso, uma mudança de comportamento, ele ainda acarreta outras mudanças: cognitivas, de atitudes, emocionais, como foi mencionado.

Algumas declarações podem desvendar mudanças acontecidas no desempenho profissional, investigadas através de questionamentos com o corpo docente sobre dúvidas e curiosidades que os alunos expõem durante as aulas. Talvez este seja o ponto crucial do trabalho, pois a investigação tinha como meta principal constatar, ou não, tal mudança no cotidiano operário. Questões práticas que poderiam acabar em *erros* durante o processo produtivo, através da escola, puderam ser minimizados:

[...] tem alunos que trabalham em departamentos que recebem mercadorias que vêm em caixas lacradas com nomes das cores escritos todos em inglês. E já aconteceu que acabavam abrindo caixas erradas. E outras coisas dentro da fábrica, como placas ou alguma coisa informativa (Professora C).

Neste depoimento, fica claro que os alunos possuíam dificuldade com relação a outro idioma, dificuldade que não conseguiram minimizar no ambiente de trabalho, com colegas ou chefia, e a volta aos estudos pôde auxiliar. Uma tarefa, que não parece tão complicada, pelo testemunho da professora, e que os alunos encontravam dificuldade em executá-la, cometendo erros e, com certeza, resultando em angústia, insegurança e talvez até em repreensões da chefia.

Portanto, verifica-se neste fato, que, apesar de toda automação, todo maquinário que uma empresa pode adquirir e usufruir, com sua potência, perfeição e agilidade, ainda são necessários os homens, e esses homens podem errar. O papel da educação de jovens e adultos, não pode ignorar este aspecto no momento da aprendizagem, pois é desta escola, que ajuda-lhe a resolver problemas e minimizar erros, que o trabalhador brasileiro está necessitado. A máquina não é suficiente em um processo de automação; se não existe um homem capaz de resolver problemas e executar sua função da melhor maneira que puder, não acontece a produção. O aluno-trabalhador precisa enxergar, nos estudos, a perspectiva de que ele é capaz de tudo que lhe é confiado, através de informações e conteúdos ajustados.

O embate que se efetiva em torno dos processos educativos e de qualificação humana para responder aos interesses ou às necessidades



de redefinição de um novo padrão de reprodução do capital ou do atendimento das necessidades e interesses da classe ou classes trabalhadoras plota-se sobre uma mesma materialidade, em profunda transformação, onde o progresso técnico assume um papel crucial, ainda que não exclusivo (FRIGOTTO, 1995, p.36).

A declaração seguinte refere-se aos funcionários do sexo masculino, por motivo do setor de trabalho e funções exercidas na fábrica. Os sujeitos que se encaixam neste perfil são alunos que trabalham no laboratório químico da empresa, manipulam produtos químicos e necessitam de precisão de proporções de vários itens que são misturados. Se não houver uma proporção exata na mistura, o produto pode não garantir a qualidade que o cliente espera.

Alguns alunos até trazem para sala de aula dúvidas de trabalho com relação a porcentagens, proporções, mas não são todos, esses são os homens (Professora A).

Em vários momentos, percebe-se que, apesar das máquinas, as empresas necessitam de pessoas qualificadas, e que, uma matéria, neste caso específico, pode trazer soluções simples e precisas. Um funcionário que não estudou o conteúdo de matemática – porcentagem, proporções – terá maiores dificuldades em executar esta tarefa, do que aquele que domina esse assunto. O educador necessita de sensibilidade e bom senso, em proporcionar esta aprendizagem no momento do questionamento. Além de trazer à luz da

aprendizagem um conteúdo de sua matéria, aproxima o aluno da escola, e principalmente, do gosto pelo estudo, um *amigo* sempre presente nas dificuldades, apagando da memória, ou, ao menos diminuindo, aquela imagem de escola aversiva e punidora do passado amargo.

Além de propiciar uma aprendizagem já instigada pelo próprio trabalho, o educador pode percorrer o caminho inverso. Se o aluno não traz questionamentos, que os questionamentos cheguem no seu cotidiano; e, no caso, como a ponte de ligação da escola é a empresa, deve-se utilizar a vivência dos alunos para chegar ao conteúdo necessário. Percebe-se na declaração seguinte um exemplo desta atuação na escola pesquisada:

[...] em geografia um trabalho que parte da produção do biscoito pra trabalhar o espaço geográfico: de onde vem a matéria prima, de onde vem a máquina (Professora F).

Neste caso, se o produto vivenciado todos os dias pelos alunos é a fabricação do biscoito, aproveita-se o produto para alcançar um objetivo pedagógico. Como ficou claro nesta fala, a matéria referida é geografia, e a professora utilizou a confecção do biscoito para explicar distâncias, procurar em mapas, desde a matéria prima do biscoito até os lugares para os quais o produto é exportado.



Trabalha-se geografia do Brasil e do mundo partindo de um ponto comum a todos, tornando o assunto mais próximo da realidade. Os alunos trazem toda informação da fábrica, pois talvez a professora não a tenha na sala de aula. Cabe à professora inserir as informações trazidas no conteúdo e tornar a aula mais acessível para adultos que não manipulavam um mapa geográfico escolar há algum tempo.

A escola em questão trabalha baseada na aprendizagem significativa, em que o conteúdo a ser estudado parte de um contexto conhecido pelo aluno, daquilo que tem significado no seu cotidiano, e liga esse conhecido ao conteúdo a ser ministrado. Um exemplo na prática do cotidiano escolar:

Ontem mesmo eu estava explicando sobre a energia solar, como ela é adquirida, que ela passa por uma serpentina, ela aquece aquela água que passa por dentro da serpentina. Como é que eu vou explicar isso? Então eu peguei uma coisa pra relacionar, de todo dia, todo mundo já tomou um chopp na vida, e para gelar, o chope também passa por uma serpentina que é envolvida em gelo, que é um processo ao contrário (Professora D).

O processo educativo utilizado consiste em partir de um contexto que faz sentido para o aluno, algo que tenha importância, que tenha significado, e que englobe o conteúdo programado, que instigue mais a aprendizagem daquele assunto. No caso relatado acima, o exemplo utilizado faz parte do cotidiano



peçoal de cada um. O mesmo conteúdo, ministrado sem um contexto pré-conhecido, pode tornar mais difícil o interesse do aprendiz.

Então eu digo assim: ' vocês vão copiar a palavra que eu ditar, vamos supor cem vezes se vocês errarem, quando vocês forem usar a palavra, vocês vão errar de novo' . Porque aquilo não teve serventia. Ele não entendeu porque ele está errado. Você não vai usar a palavra. Agora quando vocês vão escrever, vocês se deparam com o desafio, com a necessidade, aí vocês vão falar: Pôxa vida, casa é com ' s' ou com ' z' ? Tem significado aprender que é com ' s' . Vocês nunca mais vão escrever com ' z' , porque precisou usar (Professora E).

No depoimento, a professora relata claramente como é a prática pedagógica utilizada. Explica que não parte de um conteúdo solto e sem sentido, mas sim de algo conhecido do aluno, familiar, e que será útil e necessário para a sua existência, para ultrapassar obstáculos que aparecerem. A escola muitas vezes apresenta conteúdos desconexos, que não fazem sentido, não possuem utilidade alguma, e que, em muitos casos, o aluno nunca utilizará como informação para melhoria de seu cotidiano. O fundamento dessa prática pedagógica, se faz presente nos textos de dois autores estudiosos da aprendizagem significativa:

Processa-se quando o material novo, idéias e informações que apresentam uma estrutura lógica, interage com conceitos relevantes e inclusivos, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo por eles

assimilados, contribuindo para sua diferenciação, elaboração e estabilidade (MOREIRA, 1982, p.4).

Uma experiência consciente, claramente articulada e precisamente diferenciada, que emerge quando sinais, símbolos, conceitos e proposições potencialmente significativos são relacionados à estrutura cognitiva e nela incorporados (AUSUBEL, 1968, p.37).

A teoria pedagógica concretiza-se através de uma prática apoiada em uma pedagogia de projetos. Através de uma temática, traça-se um planejamento em forma de projeto contendo objetivo, estratégias de trabalho, interdisciplinaridade, metas a serem atingidas, relatórios dos resultados finais, inserindo nesse projeto, o conteúdo proposto. Tal prática auxilia a teoria proposta, da aprendizagem significativa, partindo de projetos em que os alunos participam da escolha da temática a ser estudada.

[...] a gente sempre ensina através de projetos. Escrever uma carta? Pra que? É para solicitar uma visita? É pra agradecer uma visita? Sempre tem uma função. Porque na função do que se aprende que eles vêm mesmo o objetivo do aprendizado, no porque que está fazendo isso (Professora E).

Eles querem fazer uma visita ao correio, querem saber mais sobre cartas. Então vai ter etapas, nós vamos trazer textos sobre correios, nós vamos fazer cartas, nós vamos analisar uma carta e depois nós vamos fazer um relatório de tudo isso. O ano passado nós fizemos um livro de contos, ou inventados, ou da própria história deles. E eles ficaram fascinados por

fazer o livro, eles encardenaram, furaram, e toda etapa gráfica. E até hoje eles falam: ' E o livro hein professora?' (Professora E).

Dentro dessa realidade pedagógica, a investigação científica obteve dados que revelam acontecimentos em que a escola realmente caminha de encontro às dificuldades do trabalhador. Outro aspecto interessante desta prática é o envolvimento ativo do aluno em todo processo do projeto, ou seja, em conjunto com a professora, participou e decidiu todas as etapas assumidas durante a trajetória, desde o planejamento, passando pela execução, e concretizando a sua conclusão, no caso, um livro. O valor atribuído a esse trabalho foi maior do que adquirir um livro qualquer de contos para leitura e provar que leram escrevendo uma ficha de leitura com o seu resumo.

Existe preocupação dos alunos, não apenas em aprender os conteúdos da escola para melhorar sua vida pessoal e profissional. Há uma preocupação social: a educação para a cidadania, os conceitos de ética, responsabilidades sociais e políticas, raciais, começam a ser instigados no momento em que os sentimentos se modificam. As idéias se tornam mais claras, o pensamento sobre o mundo e a sociedade em que vivemos se tornam mais constantes. Conseqüentemente, essas questões, que talvez estivessem internalizadas e esquecidas no interior de cada aluno, começam a *borbulhar* e os questionamentos são externalizados.

Só que eu percebo que o que mais mexe com eles, quando eu estou falando alguma coisa, são questões sociais mesmo, de injustiça, de funcionamento do sistema, eles percebem muito, em contradições e injustiças. Então eu percebo que eles se inflamam mesmo, nas discussões assim, social de economia, que têm, assim, eles tem uma visão muito crítica, dá a impressão que não é bem o que o patrão queria, a gente pensa que eles são alienados, mas não [...] eles visualizam assim: às vezes eu estou comentando alguma coisa de geografia, de economia, história, eles conseguem trazer fatos que ocorrem com eles enquanto sujeitos sociais, para a classe usar como um exemplo do que eu estou falando (Professora F).

Ao estudarem com mais ênfase a história do Brasil e do mundo, economia, diferenças sociais, em uma escola aberta às discussões e questionamentos, os alunos começam a desvendar a própria alienação, a consciência de assumir comportamentos devido a conseqüências políticas e econômicas, entenderem o que significa viver numa sociedade como cidadãos e lutarem por seus direitos. Percebem o quanto ainda necessitam se adequar a situações que talvez lhes tragam revolta e indignação. Os chamados *Temas Transversais*, para os adultos, vão ao encontro de vários aspectos que preocupam seu futuro: um pouco mais de justiça, de dignidade e cidadania.

Encontramos assim, no campo da educação de adultos, um conjunto importante de referências teóricas que emolduram propostas pedagógicas voltadas à aprendizagem de atitudes e à transformação da



visão de mundo dos educandos em sentido amplo (RIBEIRO, 2001, p.55).

A escola pode auxiliar o seu aluno-trabalhador a entender os mecanismos organizacionais planejados para se adequarem ao mercado de trabalho. Pode contribuir no sentido de oferecer conhecimentos que propiciem aos seus alunos entendimento sobre os comportamentos sociais exigidos, sem, necessariamente, a aceitação da submissão. É fato que a empresa possui artifícios motivacionais e utiliza discurso que talvez tenha intenções de provar para seus funcionários o quanto ela está investindo em seu potencial, fazendo acreditar que são benefícios que motivam o ambiente de trabalho. Mas os operários podem aprender a comportar-se com uma pseudo-submissão, para garantir o seu lugar no mercado de trabalho e a boa convivência nesse ambiente. Os padrões motivacionais são traçados pelas empresas, que acreditam serem eles incentivadores para a batalha do cotidiano empresarial. De acordo com Lopes esses padrões se apresentam da seguinte forma:

Padrões motivacionais no trabalho:

- Conformidade às normas do sistema ou obediência às regras da organização;
- Sistema instrumental de recompensas gerais (benefícios adicionais como: moradia, transporte, alimentação, etc.);
- Recompensas instrumentais referentes ao esforço ou desempenho adicional;



- Satisfações intrínsecas derivadas do desempenho do papel atribuído ao indivíduo;
- Internacionalização dos valores e objetivos da organização (comportamento organizacional);
- Satisfações sociais derivadas de relacionamentos com grupos primários de trabalho (1980, p.13-14).

3.3 Terceira classe de dados:

Dados observados pelo pesquisador em sala de aula

Os dados de observação, que se constituem na terceira categoria para análise, foram coletados em um termo ativo da escola SENAP. O termo escolhido pela pesquisadora foi o termo 10, o último termo, equivalente à última etapa da 8ª série do ensino fundamental, escolhido justamente por estarem os alunos nos momentos finais do ensino fundamental, prestes concluírem o proposto pela escola e pela empresa. Justifica-se pelo fato de ser a turma que se encontrava mais próxima da certificação, acreditando-se que poderia estar mais incentivada com os estudos e com perspectivas que o novo comportamento havia proporcionado. Esta turma era composta por 11 alunos-trabalhadores e foram observadas duas aulas de cada matéria ministrada, totalizando 14 sessões de observações, com duração de 5 minutos cada uma.

Pelo motivo do tempo de observação de cada matéria do T10 ter totalizado apenas 10 minutos, a análise dos dados será considerada como complemento da análise das outras duas classes já exposta, pois as atividades contidas durante esse espaço de tempo representa apenas um recorte da realidade pedagógica da educação de adultos.

O corpo docente que lecionava nesse termo composto por 5 (cinco) professores, apesar de existirem 7 (sete) matérias; isto ocorre porque a professora “F” lecionava 3 (três) matérias, representada na tabela 5:

Tabela 5 – Disposição das matérias e corpo docente do T10

	Matemática	L.Portuguesa	Ciências	História	Geografia	Economia	Inglês
Prof. A	X						
Prof. C							X
Prof. D			X				
Prof. E		X					
Prof. F				X	X	X	

A discussão dos dados observados em sala de aula não especificará acontecimentos por matérias; tais dados serão analisados globalmente, enfocando os interesses no objetivo central do trabalho e complementando os dados até o momento analisado.

O primeiro enfoque a ser discutido em nossa análise é o incentivo dos alunos e dos professores durante as aulas. Percebeu-se este incentivo, durante as observações, em três momentos dinâmicos na realidade pedagógica, em situações de sala de aula: a) a primeira quando os alunos eram solicitados para trabalhar em grupo, em atividades como: pesquisas bibliográficas, resolução

de problemas matemáticos e discussão a partir de leituras; b) a segunda situação dinâmica observada era a participação do educador na atividade do aluno, quando o professor se locomovia entre as carteiras da sala de aula auxiliando o aluno, individualmente ou em grupos, a resolver os exercícios solicitados; c) a terceira situação dinâmica observada em sala de aula consistia em discussões de problemas sociais ou relacionados com o cotidiano profissional, os alunos se colocavam como sujeitos ativos da sociedade, expondo exemplos práticos de sua vida para alcançarem o entendimento do conteúdo.

A par disso, em vários momentos, houve indícios de comportamentos demonstrando cansaço e desânimo durante as aulas – debruçados em carteiras e bocejos. Apesar dos momentos motivadores serem superiores aos instantes de desânimo, pode-se levar em consideração a questão 11 do questionário realizado com o grupo de sujeitos composto pelos alunos (anexo 1), onde a porcentagem de 16,67% respondeu que a maior dificuldade que encontra nos estudos é “cansaço por acúmulo de atividades”.

Analisando os momentos em que se constatou motivação, acredita-se que a participação ativa do educador e o conteúdo que permeia a realidade do aluno influem para um resultado – educação que desperta a motivação e a aprendizagem do trabalhador – mesmo frente às situações de vida contrárias, como o cansaço do dia-a-dia operário.



O segundo enfoque a ser discutido tem origem nos dados observados em sala de aula, que transporta o conteúdo curricular para o mundo do trabalho, momentos de prática educativa em que o trabalhador consegue associar seus dias de labuta da fábrica ou, mesmo no mercado de trabalho.

Foi observado que na prática de aula cotidiana, o educador direciona a aula de duas formas: ou apenas para o conteúdo pedagógico ou discorrendo sobre o assunto, com a proposta de relacioná-lo com questões do trabalho e assuntos operários. No primeiro caso – ministrar as aulas apenas com o conteúdo curricular proposto – observou-se que o aluno também participava das aulas com essa proposta, sem questionar ou relacionar com o seu cotidiano. As exposições das aulas aconteciam somente com o discurso pedagógico, desconexos da realidade que os alunos vivenciavam. Foram nessas situações pedagógicas em que se observaram momentos de desânimos nas aulas.

Na segunda situação - quando o educador ministrava as aulas relacionando o conteúdo com questões do trabalho – os alunos participavam mais ativamente. Discutiam os problemas, expunham soluções, questionavam, procuravam entender as dificuldades encontradas naquele determinado conteúdo e situação. Em alguns momentos observados, percebeu-se que o educador havia planejado e preparado a aula com o intuito de discutir as questões do trabalho. Ilustrando com um exemplo observado:

Matéria: Língua Portuguesa

Conteúdo: Interpretação de texto e pesquisa de vocabulário.

Tema: Terceira idade no mercado de trabalho

Texto: "Vovô vai à luta!"

Na observação realizada nessa aula percebeu-se claramente a prática pedagógica proposta pela escola: aprendizagem significativa. O educador utilizou um tema atual, relativo ao mercado de trabalho, inserido no conteúdo necessário para o nível de escolaridade de seus alunos. Nessa aula, os alunos, além de aprender a interpretar um texto jornalístico, colocaram suas opiniões discutindo um assunto que estavam vivenciando: a dificuldade da colocação e recolocação no mercado de trabalho.

O sujeito que propiciou tal oportunidade de discussão foi o educador, e os alunos comentaram, questionaram, discordaram de acordo com a percepção de cada um.

Na tradição pedagógica da educação de adultos conta-se com um importante acúmulo no que se refere à valorização das aprendizagens atitudinais, principalmente pela influência do paradigma da educação popular e da obra de Paulo Freire em especial. Numa perspectiva político-filosófica, Freire enfatizou a importância de se associar o aprendizado da leitura e da escrita com a revisão profunda nos modos de conceber o mundo e nas disposições dos jovens e adultos para tomar mãos o próprio destino, sintetizando tais princípios em categorias tais como: conscientização e emancipação (RIBEIRO, 2001, p. 54).

Ainda focando a relação conteúdo pedagógico/ trabalho, observou-se que, em alguns momentos, o educador expôs sua aula com a proposta exclusivamente alicerçada no conteúdo e o aluno procurou uma relação daquele conteúdo com sua realidade, mas não houve continuidade por parte do educador, desperdiçando uma oportunidade de aprendizagem significativa. O aluno preocupava-se em perceber o assunto dentro do seu cotidiano, mas não houve o feedback por parte do educador, e a discussão acabava não acontecendo.

Nas relações de produções capitalistas, o trabalhador está alienado também em relação ao processo de trabalho. Não é ele, mas o capital quem determina *como* se deve produzir um objeto ou um serviço qualquer. O mesmo acontece na escola: o aluno não determina de que forma haverá de adquirir os conhecimentos dispostos para ele, não decide sobre a forma de aprendizagem (ENGUITA, 1993, p. 234, grifo do autor).

Concluindo, segundo observações constatadas na realidade de nossa pesquisa, o educador possui um papel decisivo para propiciar ao aluno uma aprendizagem que mais pode lhe auxiliar no cotidiano operário. Algumas situações que podem ser favoráveis a isso, de acordo com as observações efetuadas são:



- a) planejamento de aulas solicitando a atividade do aluno individualmente e em grupo;
- b) relacionamento dos conteúdos ao cotidiano do grupo, propiciando aprendizagem significativa;
- c) no caso da necessidade de exposição por parte do professor, utilização de estratégias mais dinâmicas , do que a simples transmissão para a reprodução;
- d) organizar debates e diálogo sobre os problemas cotidianos, direcionando-os às ciências e disciplinas curriculares;
- e) Formação do professor para o trabalho específico da educação de jovens e adultos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma finalização desta pesquisa, é necessário o resgate do objetivo central e seus desdobramentos específicos. O principal objetivo da investigação configura-se na contribuição que a educação voltada para adultos propicia na formação profissional dos seus alunos. Após a análise, os dados coletados, centrados, principalmente, nessa perspectiva, parecem demonstrar que a educação auxilia os seus alunos na vida profissional sob os aspectos a seguir descritos.

O aluno, retornando aos estudos, toma uma decisão importante, circundado por diversos fatos angustiantes: pressão por parte do mercado de trabalho, receio de deparar-se com uma escola punitiva que vivenciou no passado, dificuldades relacionadas ao tempo disponível para dedicação, conteúdos abandonados pela memória, medo de não conseguir alcançar seus objetivos de vida, ansiedade em resolver um problema real que cerca seu dia-a-dia e, talvez, alguns fantasmas singulares de cada sujeito estudado. A atitude de vencer todos os preâmbulos da questão fortalece em cada um a capacidade de resolver seus próprios problemas de um modo maduro e racional, fortalecendo, conseqüentemente, o lado profissional, o alicerce que o indivíduo precisa, dentro da empresa, para resolver problemas no cotidiano operário.

Na medida em que vence o obstáculo de tomar uma decisão importante e lutar por uma meta traçada, automaticamente aumenta sua auto-estima e confiança. Desenvolve atitudes de auto-valorização e de acreditar que pode solucionar problemas, influenciando nas suas atitudes durante a jornada de trabalho. Os sentimentos positivos sobre si próprio se fortalecem, também, pelo fato de que o fantasma do desemprego se dissipa, na medida em que se alcança uma etapa exigida pela empresa e pelo mercado de trabalho mundial, de modo a distanciar mais a idéia de ser demitido, e se acaso ocorrer, assumir o fato de que terá maiores chances de recolocação com a conclusão do ensino fundamental.

Outro aspecto que auxilia os alunos-trabalhadores são as noções básicas de cada conteúdo pedagógico, que fundamenta ações no setor de seu trabalho. Em alguns casos, a matemática pode auxiliar em cálculos mais precisos e ágeis; em outros casos as ciências físicas e biológicas podem vir ao encontro de alguma tarefa corriqueira; a língua portuguesa propicia uma escrita mais apurada, uma leitura com crítica e maior percepção e a expressão verbal, a comunicação do cotidiano, ajuda a externar seus pensamentos, seus anseios, suas idéias, suas críticas e seus sentimentos sobre o mundo que o cerca.

No aspecto pedagógico, quando um aluno desenvolve sua capacidade de enxergar o mundo e se expor criticamente diante dos acontecimentos, todos os aspectos de sua vida sofrem mudanças. A verdadeira cidadania é exercida em todos os setores da vida de um ser humano; portanto,



quando melhoramos como pessoas, como um ser social ativo no mundo, com certeza nossa atuação profissional será mais consciente e desenvolta.

O objetivo central, pela trajetória da análise dos dados, foi cumprido na medida em que foi absorvendo os questionamentos dos objetivos específicos, desdobramentos do objetivo maior. Em um objetivo específico houve a preocupação em desvendar dificuldades de ordem prática no cotidiano profissional e verificar se a escola ajuda a minimizá-las. Essa questão foi esclarecida na análise dos dados coletados a partir das entrevistas com o corpo docente, em momentos nos quais as professoras relatam que os alunos solicitam alguns conteúdos da matéria para auxiliar na fábrica, como por exemplo, nome das cores básicas em inglês para evitar erros no setor de embalagens; na área de matemática foi solicitada maior atenção no conteúdo relacionado com proporções, medidas, porcentagens, para ser utilizado no setor do laboratório; e, em língua portuguesa, a ânsia em conseguir elaborar melhores redações, preenchimento de formulários, e expressão verbal, visando a futura participação em processo de recrutamento e seleção ou reaproveitamento interno da empresa. Ainda, de uma forma geral, na resolução de problemas, retomando o que analisamos no objetivo central: como os alunos encontraram um caminho para solucionar uma questão pedagógica de suas vidas, estão mais preparados para novos desafios da vida profissional, com maior segurança.



Outro objetivo específico proposto na pesquisa também está envolto nessa questão, em que se procura uma relação entre o conteúdo pedagógico e a realidade profissional desses sujeitos na fábrica. Os conteúdos básicos de cada matéria do currículo do ensino fundamental desenvolvem habilidades básicas do cotidiano do operário, preenchendo uma lacuna que antes era, em grande parte, perpassada por insegurança, baixa auto-estima, incerteza sobre o futuro e acomodação ao modo de vida escolhido.

A experiência do SENAP, diante dos fatos vivenciados na pesquisa, é fundamentada pelos parâmetros da educação de adultos. Acredita-se que uma escola como esta tem vários pontos positivos, que contribuem efetivamente para a educação do trabalhador. Auxilia, em primeiro lugar, na praticidade que oferece ao seu aluno: localiza-se próximo do seu local de trabalho, no horário anterior ou posterior ao seu turno da fábrica; contém uma didática apropriada no seu dia-a-dia; entende os mecanismos organizacionais que o mercado de trabalho possui; preocupa-se com a sua qualificação profissional, não esquecendo da cidadania. Mas, essa escola também possui aspectos questionáveis, pois a empresa mantém um controle da vida escolar de cada indivíduo. Toda equipe da escola possui vínculos financeiros com a equipe da empresa e compromissos contratuais.

Há que se considerar que o vazio do não-saber é substituído por uma perspectiva de vida, seja ela qual for. Cada sujeito tem um plano singular de

vida, uma meta específica a ser traçada e seguida; depois dessa trajetória escolar, aumentam as possibilidades de obstáculos serem ultrapassados com êxito, problemas serem resolvidos. O que ficou de comum e coletivo nesse grupo de sujeitos é a certeza de uma vitória, de medos vencidos. O destino os espera com uma melhor condição acadêmica e com a lição de sempre tomar atitudes e decisões cômicas e maduras.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. Campinas: Cortez, 1995. 155p.

ARROYO, M. G. Operários e educadores se identificam: que rumo tomará a educação brasileira? *Educação & Sociedade*. Campinas: n. 5, p. 5-23. Jan. 1980.

_____. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, E. ; ARROYO, M. G. ; NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 31-80. (Questões da nossa época, 19)

ARRUDA, M. A articulação trabalho-educação visando uma democracia integral. In: GOMEZ, C. M. et al. *Trabalho e conhecimento: dilema da educação do trabalhador*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 61-74.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2000. 22p.

_____. *NBR 10520: informação e documentação: apresentação de citações em documentos*. Rio de Janeiro, 2001. 4p.



_____. *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2001. 6p.

AUSUBEL, D. P. *Educational psychology: a cognitive view*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston Inc., 1968.

BARBARA, M. M. Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: percepção e sofrimento do trabalhador. *Psicologia: Ciência e Profissão*, n. 1, p.30-49, 1999.

BAUM, W. M. *Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. Tradução de M. T. A. Silva et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. 290p.

BIDERMAN, A. *The image of Brainwashing*. Public Opinion Quarterly, 26, 1962. 550 p. [S.l. : s.n.]

BRASIL. Lei n. 9394, 20 dezembro 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Acontece*. Fev. 1997. 8 p. (Número Especial)

BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987. 379 p.

BUFFA, E. ARROYO, M. G. NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 94 p. (Questão da nossa época, 19)

DANNA, M.F. ; MATOS, M.A. *Ensinando observação: uma introdução*. São Paulo: EDICON, 1982. 159 p.

DEACON, R. ; PARKER, B. Escolarização dos cidadãos ou civilização da sociedade? In: SILVA, L. H. da. (Org.) *A escola cidadã no contexto da globalização*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 138-153.

DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1987. 118 p.

_____. *Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 183p.

DUBAR, C. ; EVRARD, S. Recherche sur quelques facteurs sociaux des motivations à la formations collective d'adultes. *Education Permanente*, n. 17, p. 4-27, 1975.

ENGUITA, M. F. *Trabalho, educação e ideologia: Marx e a crítica da educação*. Tradução de E. Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 339p.

FORRESTER, V. *O horror econômico*. Trad. A. Lorencini. São Paulo: Unesp, 1997. 154 p.



FREEDMAN, A. *Uma sociedade planejada: uma análise das proposições de Skinner*. Trad. A. R. de Almeida. São Paulo: EPU, 1976. 160 p.

FRIGOTTO, G. *A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. São Paulo: Cortez, 1984. 235p.

_____. As mudanças tecnológicas e educação da classe trabalhadora: politécnica, polivalência ou qualificação profissional? In: MACHADO, L. R. S. e outros. *Trabalho e educação*. Campinas: Papirus, 1992. p. 45-52.

_____. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1995. 231 p.

GUILHARDI, H. O ser humano à luz do seu comportamento. *Jornal da Psicologia*, São Paulo: n. 117, p. 4-6, jul./ago. 1999.

HENDERSON, W.O. *A revolução industrial 1780-1914*. Trad. M. Ondina. Lisboa: Editora Verbo, 1969. 220 p.

INSTITUTO HERBERT LEVY (IHL). *Ensino fundamental & competitividade empresarial: uma proposta para a ação do governo*. São Paulo: 1992. [s.n.]



KUENZER, A. Z. A questão do ensino médio no Brasil: a difícil superação da dualidade estrutural. In: MACHADO, L. R. S. et al. *Trabalho e educação*. Campinas: S.P. Papirus, 1992. p. 113-128. (Coletânea C.B.E.)

_____. *Pedagogia de fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador*. 4. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1995. 205 p.

LAVILLE, C. ; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução de H. Monterio; F. Settinieri. Porto Alegre: Editora UFMG, ARTMED, 1999. 340 p.

LOPES, T. V. M. *Motivação no trabalho*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980. 155 p.

LOPES JÚNIOR, J. Behaviorismo radical, epistemologia e problemas humanos. *Psicologia: Ciência e profissão*, ano 14, n. 1/2/3, p. 34-39, 1994.

MACHADO, L. R. S. et al. *Trabalho e educação*. Campinas: Papirus: 1992. 134 p. (Coletânea CBE)

MALGLAIVE, G. *Ensinar adultos*. Tradução de M. L. A. Pereira; M. A. de O. e Silva; M. M. M. Ferreira. Porto: Porto Editora, 1995. 271 p.



MARTINS, J. ; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia : fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Editora Moraes, 1989. 110 p.

MARX, K. Cooperação e Divisão do trabalho e manufatura. In: *O Capital*. São Paulo: 1971, Livro I, Cap. 11 e 12.

MARX, K. ; ENGELS, S.F. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Moraes, 1983.

_____. *Grundrisse: lineamientos fundamentales para la crítica de la economía política 1857-1858*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985. 2 V.

MATTOSO, J. E. L. *A desordem do trabalho*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995. 210 p.

McLAREN, P. Traumas do capital: pedagogia, política e práxis no mercado global. In: SILVA, L. H. da. (Org.) *A escola cidadã no contexto da globalização*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p-81-98.

MOREIRA, M. A. ; MANSINI, E. F. S. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982. 112 p.

NOSELLA, P. A modernização da produção e da escola no Brasil: o estigma da relação escravocrata. *Cadernos Anped*, Porto Alegre, n. 5, set.1993. 161p.

_____. Trabalho e educação. In: GOMEZ, C. M. et al. *Trabalho e conhecimento: dilemas da educação do trabalhador*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 27-42.

QUAGLIO, P. O ensino supletivo: organização, problemas e perspectivas. In: *Didática*. São Paulo, n. 28, p. 73-83, 1992.

RIBEIRO, V. M. (Org.) *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Ação Educativa, 2001. 224 p. (Coleção Leituras no Brasil)

ROTHERY, B. *ISO 9000*. Tradução de R. C. Loverri. São Paulo: Makron Books, 1993. 268 p.

RUMMERT, S.M. *Educação e identidade dos trabalhadores: as concepções do capital e do trabalho*. São Paulo: Xamã, Niterói, Intertexto, 2000. 199 p.

SARUP, M. *Marxismo e educação*. Tradução de W. Dutra, Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 191 p.

SHIROMA, E. O. O modelo japonês e o debate sobre qualificação e o controle da força de trabalho. *Perspectiva*, Florianópolis, v.14, n. 26, p. 173-186, Jul./dez.1996

SKINNER, B. F. *Beyond Freedom and dignity*. New York: Alfred A. Knopf, 1972a. 225 p.



_____. *Tecnologia do ensino*. Tradução de R. Azzi. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1972b. 260 p.

_____. *O mito da liberdade*. Tradução de L. Goulart ; M. L. F. Goulart. 2. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973. 166 p.

_____. *Sobre o behaviorismo*. Tradução de M. da P. Villalobos. São Paulo: Cultrix, 1982. 216 p.

_____. *Questões recentes na análise comportamental*. 2. ed. Tradução de A. L. Neri. Campinas: Papirus, 1995. 193 p.

_____. *Ciência e comportamento humano*. Tradução de J. C. Todorov ; R. Azzi. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 489 p.

STERNBERG, F. *A revolução militar e industrial do nosso tempo*. Tradução de W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1962. 358 p.

TOURINHO, E.Z. *O autoconhecimento na psicologia comportamental de B. F. Skinner*. Belém: Editora Universitária, 1995.



APÊNDICES

ANEXO 1

Questionário

Pedimos a sua colaboração para preencher este instrumento, sendo sincero em suas respostas. Não deixe de responder a nenhuma questão; quando as alternativas não oferecem resposta tal como você pense, assinale a mais próxima da realidade.

Nome:

Idade:

Série em que parou os seus estudos:

Série que frequenta:

Assinale quantas respostas quiser:

- 1 O principal motivo da sua volta à escola foi:
- ☐ para não perder o seu emprego
 - ☐ Conseguir um emprego melhor
 - ☐ aprender mais do que você sabe
 - ☐ obter um certificado de ensino fundamental (1º grau)
 - ☐ conseguir uma promoção dentro da própria empresa

Assinale apenas uma resposta para cada questão:

2. A decisão de retornar aos estudos surgiu principalmente:
- ☐ de você mesmo
 - ☐ da empresa em que trabalha
 - ☐ de familiares
 - ☐ de amigos
 - ☐ da escola
3. Até o momento, você acredita que os estudos o auxiliaram no cotidiano em que aspectos:
- ☐ relacionamento com as pessoas no seu trabalho
 - ☐ relacionamento com as pessoas na sua vida pessoal
 - ☐ ambas
 - ☐ em nada
 - ☐ Outro. Citar.....
4. Qual matéria você acredita que mais auxiliou no cotidiano profissional:
- | | |
|-------------------------------------|------------------------------------|
| ☐ Matemática | ☐ Geografia |
| ☐ Português | ☐ História |
| ☐ Inglês | ☐ Economia |
| ☐ Ciências | ☐ Nenhuma |

5. Qual sentimento você acha que se modificou para melhor após o retorno aos estudos?
- ☐ Segurança
- ☐ gostar mais de você (auto – estima)
- ☐ acreditar que você é capaz (auto – confiança)
- ☐ motivação para aprender mais coisas novas
- ☐ Outro. Citar.....
6. Você percebe que algo mudou no trabalho após o retorno aos estudos?
- ☐ sim ☐ Não
7. Se a sua resposta na questão n.º 6 foi “sim”, assinale onde você detectou as maiores mudanças:
- ☐ você recebeu uma promoção de cargo
- ☐ Aumentou o seu salário
- ☐ Melhorou o seu desempenho
- ☐ compreensão das suas atividades diárias
- ☐ Outro. Citar.....
8. Você pretende continuar os seus estudos após terminar o ensino fundamental (1º Grau)?
- ☐ sim ☐ não
9. Se a sua resposta para a questão n.º 8 foi “sim”, procure justificar:
- ☐ por questões financeiras (pode arrumar um trabalho melhor e ganhar mais)
- ☐ reconhecimento social
- ☐ descoberta do conhecimento
- ☐ você se motivou a estudar
- ☐ outro. Citar.....
10. Quais suas maiores dificuldades encontradas no trabalho?
- ☐ nos relacionamentos com os colegas
- ☐ no relacionamento com o seu chefe
- ☐ Conhecimento insuficiente para exercer o seu cargo
- ☐ No seu próprio desempenho
- ☐ Outro. Citar.....
11. Qual a maior dificuldade que você encontra nos estudos?
- ☐ não tem tempo para estudar em casa
- ☐ Compreensão em sala de aula
- ☐ relacionamento com algum(s) professor(es)
- ☐ cansaço por acúmulo de atividades
- ☐ Outro. Citar.....

ANEXO 2
Roteiro de entrevista

Nome:

Formação profissional:

Tempo de atuação profissional:

Matéria(s) Lecionada(s):

1. Em que aspectos você acredita que a sua matéria proporciona uma melhor qualificação profissional aos seus alunos?
2. Nas questões levantadas pelos alunos em sala de aula, eles relacionam os seus questionamentos com referências do cotidiano profissional?
3. Você consegue detectar se o aprendizado limita-se à sua repetição das operações e rotinas realizadas no trabalho ou a sua lógica e sua coerência são apreendidas?
4. Como a educação voltada para adultos pode contribuir para que o aluno melhore a sua vida profissional?
5. Os alunos gostam e se interessam pelas aulas ou demonstram impaciência para o término destas?
6. Os alunos procuram a escola para se matricularem, ou é uma iniciativa da empresa em efetuar as matrículas dos seus funcionários?

ANEXO 2
Roteiro de entrevista

Nome:

Formação profissional:

Tempo de atuação profissional:

Matéria(s) Lecionada(s):

1. Em que aspectos você acredita que a sua matéria proporciona uma melhor qualificação profissional aos seus alunos?
2. Nas questões levantadas pelos alunos em sala de aula, eles relacionam os seus questionamentos com referências do cotidiano profissional?
3. Você consegue detectar se o aprendizado limita-se à sua repetição das operações e rotinas realizadas no trabalho ou a sua lógica e sua coerência são apreendidas?
4. Como a educação voltada para adultos pode contribuir para que o aluno melhore a sua vida profissional?
5. Os alunos gostam e se interessam pelas aulas ou demonstram impaciência para o término destas?
6. Os alunos procuram a escola para se matricularem, ou é uma iniciativa da empresa em efetuar as matrículas dos seus funcionários?

ANEXO 3

Protocolo de Registro de Observação de alunos-trabalhadores (PROAT)

1. Comportamento do professor:

1.1- Em relação ao conteúdo exposto em sala de aula de forma a manter controle de estímulos para a relação educação x trabalho:

- Segue a aula sem fazer a relação: (Professor- não) PN
- Realiza a relação aproveitando o conteúdo: (Professor-relação) PR
- Questiona aos alunos se há relação: (Questiona-relação) QR
- Não concorda com a relação realizada pelo aluno: (Não-relação) NR

1.2- Apresentação de feedback: comportamento do professor quando o(s) aluno(s) fornece(m) exemplos concernentes ao tema do estudo relacionando com o seu trabalho, por iniciativa própria ou atendendo solicitação do mesmo:

- Elogia quando a relação é realizada: (Professor-elogia) PE
- Responde ao aluno quando a relação é questionada: (Responde-relação) RR
- Corrige a relação que o aluno faz: (Corrige-relação) CR

1.3- Em relação às atividades solicitadas em sala de aula para os alunos:

- Lança perguntas sem relacionar: (Professor-questiona) PQ
- Pede exemplos à classe relacionando: (Professor-classe) PC

1.4- Características da comunicação não-verbal nos comportamentos:

- Na frente de toda a classe parado: (Frente-parado) FP
- Na frente de toda a classe utilizando o quadro: (Frente-quadro) FQ
- Entre as carteiras e auxiliando aluno por aluno: (Carteiras-auxílio) CA
- Na frente de toda classe utilizando o videocassete: (Frente-vídeo) FV

2. Comportamento do aluno frente às atividades em sala de aula e a relação entre educação e trabalho:

2.1- Em relação ao conteúdo da matéria:

- Questiona sem relacionar: (Aluno-questiona) AQ
- Questiona fazendo a relação: (Relação-interroga) RI
- Comenta a relação existente: (Relação-afirma) RA
- Não concorda com a relação que professora realizou: (Relação-nega) RN
- Não continua a relação que a professora comentou: (Não-aluno) NA

2.2- Realização das atividades solicitadas em sala de aula:

- Responde às questões sem relacionar: (Aluno-responde) AR



- Realiza as atividades sem reclamar: (Aluno-sem) AS
- Realiza as atividades reclamando: (Aluno-com) AC

2.3- Comportamentos não verbais em sala de aula:

- Deita na carteira durante a aula: (Deitado) DE
- Sai da sala durante explicações da aula: (Sai-sala) SS
- Alunos entre si, auxiliam-se: (Aluno-entre) AE

